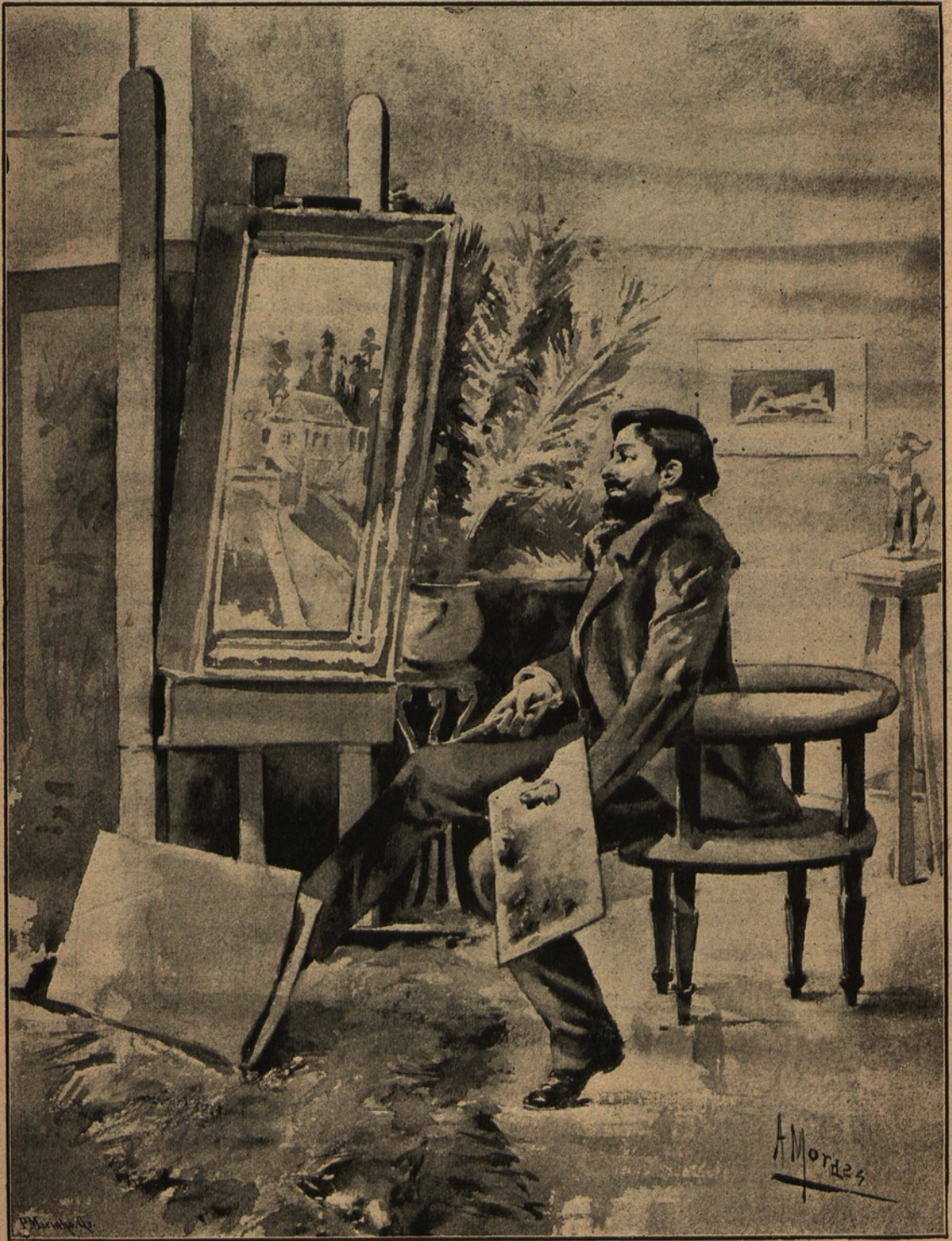


Branco e Negro



NO ATELIER

PREÇO 40 RÉIS

N.º 45



Conferencia do Dr. SOUSA MARTINS

BERTA a sessão pelo sr. conselheiro Ferreira do Amaral, secretario pelos srs. Luciano Cordeiro e Ernesto de Vasconcellos, e lida a acta da sessão anterior, tomou a palavra o dr. Sousa Martins que, usando d'ella durante duas horas e tres quartos, com tal brilho e amenidade o fez, apesar da natureza lethal do assumpto, que conseguiu prender por todo

esse largo tempo a attenção dos ouvintes, e arrancar-lhes no final os mais calorosos e sinceros applausos. Após um curto preambulo o dr. Sousa Martins definiu o que seja a peste levantina, inguinal ou bubonica — levantina porque é originaria do levante, inguinal ou bubonica porque geralmente a caracteriza um enfartamento dos ganglios lymphaticos das virilhas. Comparou-a com a cholera-morbus e com a febre amarella, indicando como região d'origem ou *habitat* de cada qual d'estas molestias um grande rio — o Ganges para o cholera, o Mississippi para a febre amarella e o Nilo para a peste, — e fez vêr como todos elles se encontram sob o tropico de Cancer, deduzindo d'esse factio geographicico e climatologico certas analogias entre as tres doenças.

De todas ellas, a mais terrivel é a peste, que por tal motivo mereceu e merece este nome: peste, a peor das coisas, não só pelos estragos enormes que directamente causa, mas pelo terror que infunde nas populações, pela dôr que causa nos que a ella escapam, mas que presenciaram o aniquilamento dos atacados, e pelo desalento, pela depressão moral que origina nos espiritos e que tambem produz milhares de victimas durante as epidemias de peste.

Comtudo — diz o dr. Sousa Martins, — *se a Europa quizer, a Europa não terá peste*. Hoje a Sciencia está armada de recursos variadissimos e absolutamente efficazes para impedir a invasão do flagello, ou, quando a invasão se dê, para suffocar rapidamente a epidemia. Eis a esperanza tranquillizadora que o illustre representante de Portugal na proxima conferencia internacional de Veneza nos offerece.

Faz a historia das epidemias de peste desde a mais remota antiguidade, e mostra como já Hippocrates e Galeno usavam dos agentes naturaes para as combaterem, pela hygiene. Refere-se a invasões europeias da idade média, e designadamente á de 1348, que assolou quasi a Europa inteira e uma parte da Asia e da Africa, matando em o nosso continente 25 milhões de habitantes, e ao todo mais de 40 milhões de pessoas, e que foi por isso cognominada: a «peste das pestes.» Não chegou, comtudo, a Portugal, sendo a Italia o paiz que ella mais devastou na Europa.

As invasões no presente seculo, comquanto muito diffusas, não teem sido nada mortiferas. Foram ellas a de 1819, a de 1842 no Baixo Egypto, a de 1855 a 1861 em Bagdad, a de 1864 para além do Caucaso, e a de 1872 em Astrakan. Com os meios de que a sciencia hoje dispõe, quasi nada temos hoje a receiar, na Europa, do terrivel mal que tantos desastres produziu em antigas éras.

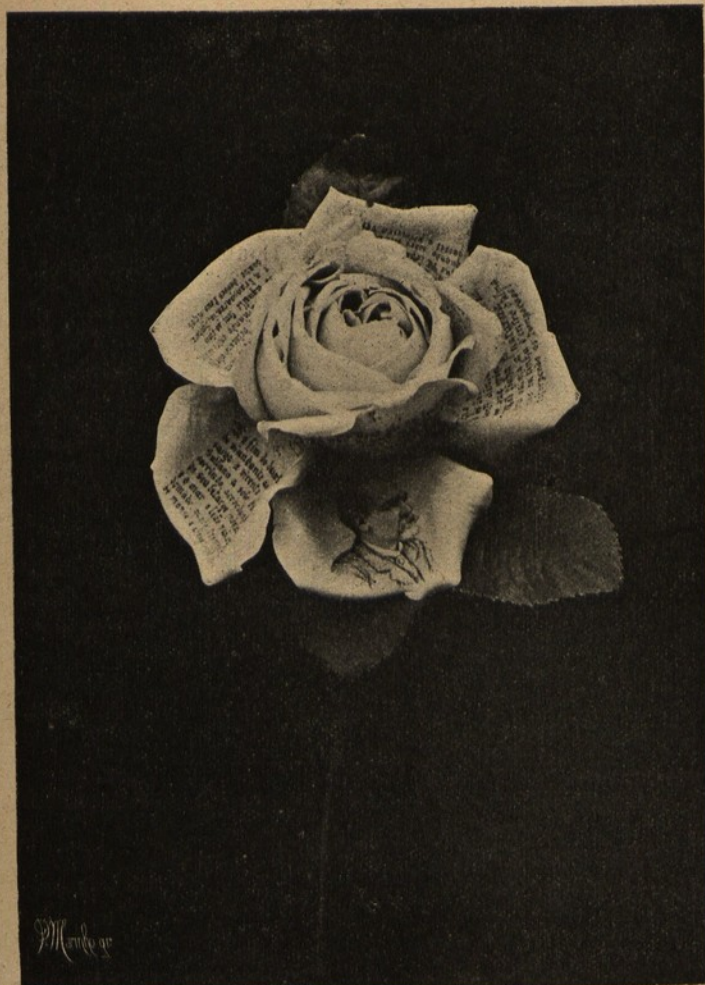
Na therapeutica, temos o sôro anti-pestoso, extrahido de cavallos préviamente injectados com o principio maligno, e que é uma vaccina cuja efficacia está officialmente comprovada. Temos depois os grandes meios que a hygiene moderna facultou; e temos, sobretudo, a prophylaxia, que é a grande conquista scientifica do seculo que vae expirar. Com tudo isto, podemos considerar-nos bastante seguros contra a eventualidade d'uma epidemia de peste bubonica. Ponto é que os governos queiram, e que todos estejam decididos a não antepôr os interesses mercantis aos da salubridade publica.

Mas a Europa ainda está a tempo de se precaver d'ella, e tem todos os elementos para o fazer.

Acerca da natureza da terrivel doença, o illustre conferente affirma ser esta contagiosa; isto é, poder-se transmittir de pessoa a pessoa, não sendo preciso, para se ser atacado, ir beber o germen ao local da origem.

Exposição de Flores Artificiaes

PROMOVIDA PELO ATHENEU COMMERCIAL DO PORTO



Rosa exêcutada pelo sr. Alfredo M. Brandão para a Exposição do Atheneu do Porto

LONGE!... LONGE!!...

(Poesia inedita reproduzida na rosa)

No fim do deserto adusto
Do viandante ao olhar estranho
Surge a virente Suez : —
Sultana a sair d'um banho,
Sorrindo, acordando a custo
Do seu letargo indolente;
E o mar, o leão nubiano,
Domado, quedo, tremente,
De manso a afagar-lhe os pés.

De tantos mares e tantos
D'essas regiões da aurora
Que eu vi, brincando entre flôres
Ou rebramando entre escolhos,
Só aquelle tem as côres
E a transparencia, Senhora,
Suave, d'esses teus olhos.

Quando eu attentava n'elles
Lembraram-me aquellas aguas
Que eu tinha visto em Suez
Brandas ao nascer o dia.
Oh ! Deus te livre das maguas
Que eu levava dentro d'alma
Quando sobre essa bahia
Passei a primeira vez !

Ao vêr-te serena e calma,
E os teus olhos verde-mar,
Senti ainda a saudade
Em que a minh'alma ia presa.
Não tinha prantos nem ais;
Era calma a natureza,
Mas eu tinha dentro d'alma,
Refervendo os temporaes !

Trazia heras no seio;
Signal d'affecto empregado.
Acho o conjuncto perfeito,
E é bom precaver d'escolhos !
Se eu vi o mar nos teus olhos
Ancoras vi no teu peito.

Que aos teus amores se abracem
Da hera as prisões suaves !
Nem sempre os ventos e o mar.
Os anjos são como as aves,
Vôam, mas buscam abrigos,
Tepidos, brandos, quietos !...
Prende, prende os teus affectos
E obriga-os a repousar.

Já que Deus poz nos teus olhos
Do mar voluvel as côres.
Em porto calmo, entre flôres,
Transforma o teu peito ancioso ;
E basta, para que tenhas
Um quadro bem acabado,
Que no teu porto abrigoso
Haja um navio ancorado.

THOMAZ RIBEIRO.

VIAGENS NO PAIZ

(XVIII)

ILHAVO

(Conclusão)

Possue ainda Ilhavo o *Theatro Recreio Artístico*, onde se acha installado o *Club Ilhavense*. E' um elegante edificio com frente para as ruas de João de Deus e Serpa Pinto, principiado em 20 de janeiro de 1875, sendo o risco do fallecido Antonio Tavares d'Almeida Lebre, de Ilhavo. Na sua construção empregaram-se sómente artistas da terra, e o seu admiravel e perfeito acabamento mostra sobejamente de quanto elles são capazes. O panno de bocca, que é um bello trabalho de pintura, representa a lenda da apresentação de Egas Moniz ao rei de Castella. Inaugurou se em 6 de fevereiro de 1876, por uma companhia de amadores ilhavenses, subindo á scena o *Camões do Rocío*. Houve em tempos, e d'elle se conservam as ruínas, um outro theatro chamado do Paçal, por ser edificado em terreno pertencente ao paçal do prior da freguezia. Já aqui fallamos de passagem das praias de banhos e pesca que Ilhavo possui, e que são a Costa Nova do Prado e Forte da Barra. Aquella é uma alegre povoação, cujos predios são quasi todos de madeira, a que vulgarmente chamam *palheiros*, em forma de chalets, de bom gosto e bem acabados. Está situada na margem d'um dos braços da ria, a que já nos referimos, a meia legua da Barra e fronteira á Gafanha. Ha n'ella uma capella, ha pouco construída em substituição d'uma outra que foi demolida, consagrada á Senhora da Saude, a quem se faz uma festa no ultimo cômimo de setembro, a que concorrem milhares de romeiros. Tambem possui um pequeno mas elegante theatro, fundado em 1874 pelo sr. João M. Garcia.



CAPELLA E CAMPO DE SANTO ANTONIO

durante a temporada de banhos ali vão, e esse numero cresceria muito mais se os meios de transporte para ella fossem mais faceis.

Foi junto ao forte da Barra que se fundaram as primeiras casas d'essa outra praia, pertencente a Ilhavo ; mas com a recente construção do pharol ha pouco inaugurado, muitos e bons predios se têm construído junto a elle, constituindo uma nova povoação com um certo cunho de fidalga. O pharol é sem duvida um dos melhores de toda a nossa costa maritima.

*

* *

Fallando d'Ilhavo, commetteriamos de certo uma falta imperdoavel se não nos referissemos, ainda que rapidamente, aos seus filhos distinctos, que os teve e tem ainda, dignos de que lhes mencionemos aqui os nomes, por isso que têm jus ao respeito e á admiração de todos, pelo seu saber e intelligencia, pelas altas posições e elevados cargos que occupam, e tambem pelas virtudes em cujas pratica se tornaram notaveis.

D'entre elles, e em primeiro lugar, destaca-se o vulto venerando do bondoso e sempre chorado arcebispo de Evora, Dr. José Antonio Pereira Bilhano, coração meigo e caridoso, sempre aberto para suavisar com o obulo da caridade as desditas de quantos se lhe abeiravam ; professor fecundo e abalisado derramando a clara luz da sua intelligencia sobre os seus discipulos ; prelado virtuoso e sabio, dirigindo com subido criterio o governo da sua diocese, que com elle tanto progrediu. Desejariamos transcrever aqui a sua biographia por nós feita no semanario aveirense *O Varino*, mas isso iria de certo occupar espaço de que não dispomos.

Transcreveremos, no emtanto, os dois ultimos periodos d'uma longa biographia publicada pelo jornal *Portuguezes Illustres*, que bem fielmente retratam o bondoso prelado.

«D'uma posição humilde elevou-se pelos seus meritos ás eminencias das distincções ecclesiasticas. Privilegiado pelo talento, nobilitado pelos estudos scientificos, distincto pelos diplomas ganhos em sua gloriosa carreira, ficou sempre simples, affabilissimo e despretencioso herdeiro de Jesus. Perante esse vulto respeitavel que representa 89 annos de immaculados principios religiosos e sociaes, perante esse ancão bem amado de quantos o conhecem, e aureolado pelos reverberos da intelligencia e do saber, deponhamos todos nós os lyrios brancos da ternura filial e a fina essencia da mais indestructivel veneração.»



INTERIOR DA EGREJA DE S. SALVADOR

Poucos mezes depois de publicadas estas linhas morreu o santo arcebispo na sua modesta casa de Ilhavo, a 18 de setembro de 1890.

Dos já fallecidos temos ainda que referir nos ao dr. Callixto Ferraz, distincto lente da Universidade de Coimbra; dr. Manuel Alcoforado de Maia, membro d'uma das mais fidalgas familias de Ilhavo, fundador e unico redactor do magnifico jornal scientifico *Museu Technologico*, em que mostrou possuir vastos conhecimentos scientificos; o conego José Candido Gomes d'Oliveira Vidal, reitor do lyceu de Aveiro, espirito esclarecido e recto, professor talentoso, sacerdote exemplar e esmoler; o dr. Manoel de Maia Mendonça, habil medico, poeta e escriptor publico, e João Carlos Gomes, pharmaceutico e botanico distinctissimo, e sem duvida o mais popular e querido filho d'esta terra. Dos ilhavenses illustres existentes, merecem especial referencia: o conselheiro Antonio José da Rocha, juiz do Supremo Tribunal, e o juiz da Relação de Lisboa dr. Manuel Celestino Emygdio, dois magistrados austeros e dignissimos que honram a magistratura portugueza. Depois temos os novos, salientando se na politica o dr. Leopoldo Mourão, antigo deputado, e na litteratura os poetas José Maria Ançã, e Samuel Maia, auctor dos livros de versos: *Bardo Catholico*, *Expansões d'Alma*, *Poema da Juventude*; e este do *Livro d'Alma* e *Dôr Humana*. São ambos elles poetas distinctos, possuidores de robustas intelligencias que dia a dia se estão manifestando por novos trabalhos litterarios de indestructivel merecimento e que tem a consagração dos nossos melhores criticos. José Maria Ançã, conta publicar brevemente um novo livro de versos, que já é por todos nós que lhe conhecemos e admiramos o seu robusto talento, esperado com sincera e verdadeira curiosidade.



NA RIA DA COSTA NOVA, em dia de regata

que tem empregado todo o seu grande saber e prodigiosos recursos intellectuaes.

Foi para fecharmos com chave d'ouro a galeria — aliás incompleta — dos prestimosos filhos d'esta terra que são o seu orgulho e padrão de gloria, que guardámos para por ultimo falarmos — e com que saudade! — de Alexandre da Conceição, o desditoso poeta a quem a morte tão prematuramente arrebatou, quando a pujança de todo o seu grande talento mais o punha em evidencia. E cabe aqui rectificar uma informação menos verdadeira incerta no *Almanach de Lembranças Luso-brazileiro* do corrente anno, em que se diz ser Alexandre da Conceição natural da provincia de Traz-os-Montes Não ha tal. O poeta nasceu em Ilhavo e d'aqui eram seus paes Bernardino Simões da Conceição e Joaquina Marques de Carvalho, esta ainda ha pouco fallecida e por signal que na indigencia.

«Era um moderno, diz Trindade Coelho, era um novo, na mais ampla, na mais complexa, na mais distincta e sabia accepção d'esta palavra. O que equivale a dizer, que era sem contestação um dos mais gallardos fidalgos da fidalguia intellectual d'esta terra, — o unico talvez que conservou inviolado e inviolavel, até á hora de fechar os olhos no eterno somno da morte, o primor e o timbre dos seus escudos.»

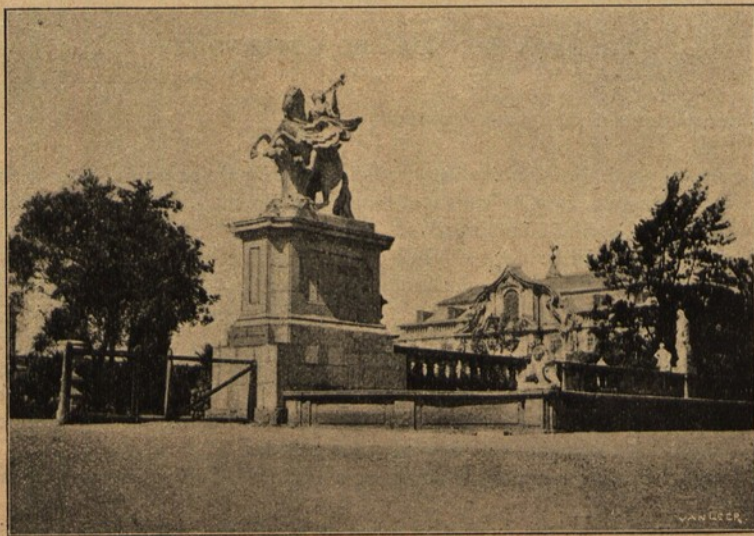
Restam-nos os seus livros, *As Alvoradas Outomnaes* e *Notas — Ensaios de critica e litteratura*, mostrando o lyrico inspirado, o critico sincero e o polemista vigoroso e inquebrantavel e tornando immortal o seu glorioso nome. Infeliz poeta, morreste vergado ao peso do trabalho e dos encargos da familia que tanto amavas.

Para ti agora, como tu mesmo escreveste:

A morte é o eterno somno, a morte é a eterna paz.

A Marcos Ferreira Pinto Basto, distincto photographo amator e nosso querido amigo, agradecemos aqui a sua gentileza pela cedencia das photographias com que illustrámos este artigo.

DINIZ GOMES.



QUELUZ — Entrada do parque real

ACTUALIDADES

A POLICIA DE LISBOA

Os recentes acontecimentos vieram pôr em fóco a policia de Lisboa. O *Branco e Negro* não podia, pois, deixar passar em claro esse caso, que constituiu o assumpto de todas as conversas nas duas ultimas semanas. Mas como a indole do nosso jornal não permite que nos ponhamos ao lado de uns nem de outros, para nos conservarmos apenas espectadores indifferentes e meros annotadores do que vae acontecendo no nosso paiz, pareceu-nos de um alto interesse para os nossos leitores dar varios aspectos do interior do Governo Civil, mais vulgarmente conhecido pela *Parreirinha*. De resto, no nosso caso, só temos a agradecer a toda a policia o apoio que nos prestou na nossa viagem pelo interior do edificio, facultando-nos todos os meios para que levassemos por diante o nosso intento. Especialisaremos n'este bom acolhimento o juiz de instrucção, conselheiro Francisco Maria da Veiga, que foi para nós de uma inexcedível delicadeza; o sr. dr. Leça da Veiga, ajudante do juiz de instrucção; o commandante do corpo de segurança publica, sr. Moraes Sarmento; os srs. major Correia e capitão Dias, e o inspector da policia administrativa, dr. Christovão de Moraes Sarmento.



FACHADA PRINCIPAL DO GOVERNO CIVIL

A policia de Lisboa está actualmente assim organizada :

Um juiz de instrucção criminal; um commandante, official superior do exercito (actualmente tenente coronel); dois officiaes adjuntos ao commando, capitães ou subalternos (actualmente um major e um capitão); um official da administração militar, fiscal do conselho administrativo.

O pessoal da secretaria é o seguinte : um escrivão ; quatro amanuenses.

O pessoal das esquadras é o seguinte : 14 chefes de esquadra ; 67 cabos de secção ; 600 guardas effectivos e 204 guardas provisórios.

As despezas feitas com a policia são as seguintes :

O commandante do corpo de policia, os dois officiaes auxiliares e o official da administração militar, fiscal do conselho administrativo, têm direito ao soldo das suas patentes, e ás gratificações e mais vantagens que competem aos officiaes de igual posto ou graduação em serviço nas guardas municipaes. As gratificações do commandante são iguaes ás dos segundos commandantes das referidas guardas.

Ao thesoureiro do conselho administrativo é abonada, a titulo de falhas, uma gratificação mensal, fixada por despacho ministerial.

Os chefes de esquadra vencem 800 réis diarios, os cabos de secção 700 réis e os guardas de policia 500 réis.



GABINETE DO DR. FRANCISCO MARIA DA VEIGA juiz de instrucção criminal



GABINETE DO DR. LEÇA DA VEIGA, ajudante do juiz de instrução criminal

O inspector de policia de inspecção administrativa tem o ordenado de 800.000 réis, o sub-inspector 400.000 réis, e os agentes de inspecção o vencimento diario de 750 réis.

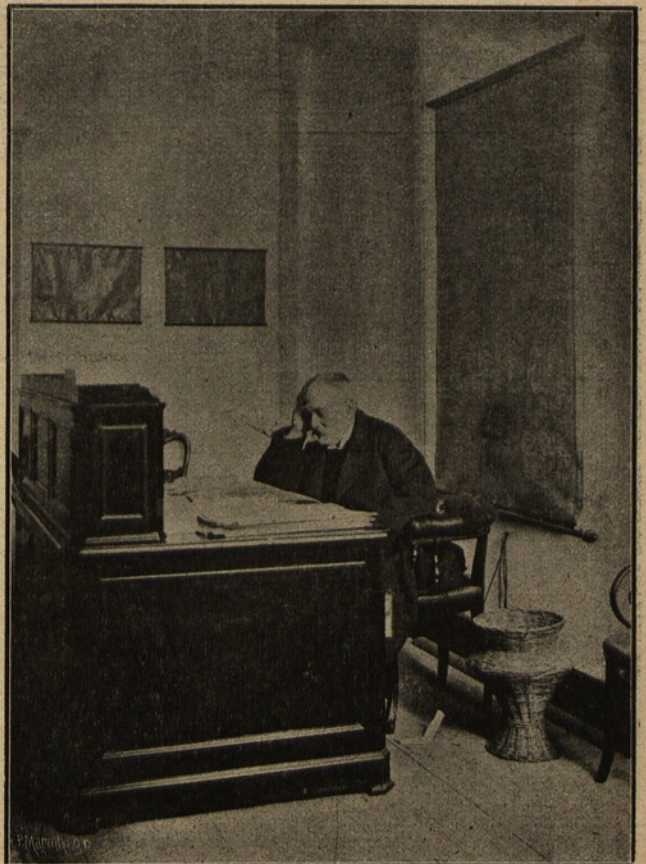
O juiz de instrução criminal tem o ordenado da classe, pago pelo ministerio da justiça; o ajudante do juiz, sendo escolhido da classe dos delegados do procurador regio, terá o ordenado como tal, tambem pago pelo referido ministerio, e não sendo, perceberá o ordenado de 500.000 réis, pago metade pela camara municipal, e a outra metade pelo fundo de pensões. Os chefes de policia de investigação vencem 850 réis diarios e os agentes 750 réis.

Os escrivães tem o ordenado de 360.000 réis e os amanuenses 240.000 réis.

Não deixa de ser curioso comparar a organização da nossa policia com a da policia de Londres e Paris, transcrevendo as partes mais interessantes do relatorio do anno findo, elaborado pela administração da policia metropolitana da capital da Grã-Bretanha:

A policia de Londres é exercida por 27 superintendentes, 938 inspectores, 1.664 chefes e 13.525 guardas. Este pessoal custou em 1895 6.131.555.000 réis. Em vez de empregar tambem 17.755 funcionarios, a policia parisiense emprega apenas 9.252, dos quaes 8.238 pertencem á policia municipal, 358 ás brigadas de investigação, 194 ao serviço das casas de hospedes, 53 na inspecção geral, 370 ao serviço de segurança e 39 ao serviço da identidade judiciaria. Esse pessoal custou em 1895 5.818.956.000 réis. Com mais um terço de pessoal, a policia de Londres custou mais cara que a de Paris apenas perto de 300.000.000 réis — e protege um territorio mais vasto occupado por uma população muito mais numerosa.

Qual das duas policias prestará mais serviços? Comparando as estatisticas dos dois paises vê-se que, n'um anno, com os seus 9.252



GABINETE DO DR. CHRISTOVÃO DE MORAES SARMENTO, inspector da policia administrativa

agentes, a policia de Paris prendeu 41:709 individuos, homens, mulheres e creanças. As que tiveram por causa razões mais graves foram as seguintes :

Parricidios.....	1
Assassinatos.....	261
Homicidios involuntarios.....	13
Ataques nocturnos.....	71
Roubos com violencia, de noite, nas ruas.....	105
Vias de facto e ferimentos.....	1:132
Violações, attentados ao pudor.....	172
Roubos por arrombamento.....	979
<i>Pick-pockets</i>	407
Escroqueries.....	743

N'esse mesmo periodo de doze mezes, a policia de Londres, com 500 agentes e 2 milhões de policia da judiciaria fez apenas 20:024 prisões, ou seja menos metade. Os seus agentes são menos activos ou a sua população mais vir-



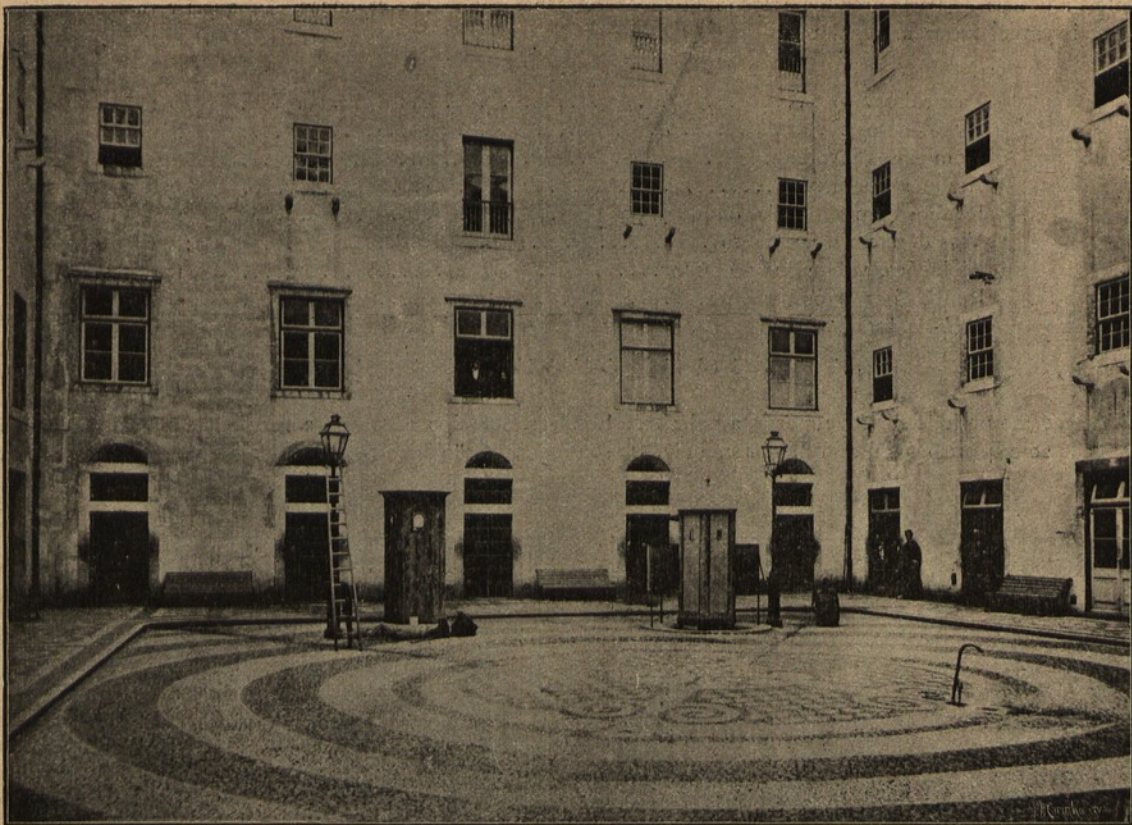
GABINETE DO SR. TENENTE-CORONEL MORAES SARMENTO, commandante da policia

tuosa ? Eis uma pergunta de difficil resposta. Para ajudar a esta solução, reproduzimos alguns algarismos do relatório geral. Enquanto que Paris prende annualmente 267 assassinos, Londres não foi ensanguentada, em 1895, senão por 18 assassinos.

Dos dezoito assassinatos commettidos em Londres, a policia prendeu 7 culpados e obteve 3 condemnações capitães. Um dos assassinos suicidou-se ; quatro foram declarados irresponsaveis pelo jury ou pelos magistrados da policia. Quatro crimes ficaram impunes.

Os arrombamentos foram mais numerosos em Londres que em Paris. Enquanto esta ultima cidade conta só 979 arrombamentos por anno, a policia metropolitana conta em 1895 :

Roubos com arrombamento em quartos.....	514
» » » » casas.....	1:501
» » » » lojas.....	650
Somma.....	2:665



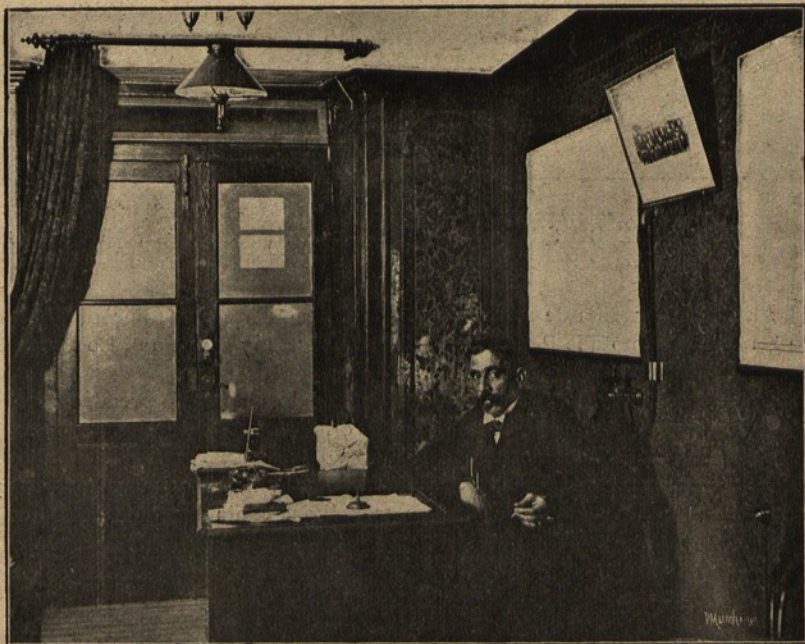
PATEO INTERIOR DO GOVERNO CIVIL — Os oito calabouços

Mas, apesar d'estes roubos por arrombamento serem mais numerosos em Londres que em Paris, a importancia dos valores roubados parece bastante mediocre.

Assim, a importancia dos roubos com arrombamento commetidos nos quartos não passa de 20:205\$000 réis, dos quaes só 4:800\$00 réis foram achados e entregues aos seus legitimos possuidores. Em 148 casas o resultado dos roubos foi por assim dizer insignificante. Em 280 casas attingiu cerca de 25\$000 réis. Só em 13 casas é que passou de 250\$000 réis.

Os 1:501 roubos por meio de arrombamento nas casas habitadas por um só proprietario ou inquilino elevam-se a 67:305\$000 réis, dos quaes só 2:550\$000 foram achados. E' para notar que, em 696 casas, as quantias ou objectos roubados não attingiam um valor de 25\$000 réis. O relatorio geral conclue d'aqui que os ladrões renunciam a operar nas casas ricas que são habitualmente bem guardadas e que vivem principalmente a custa da pequena burguezia e mesmo dos operarios.

Ha ainda curiosos informes no relatorio da policia londrina, no capitulo dos objectos perdidos. Resulta d'esta estatistica que se os inglezes foram menos criminosos que os parisienses, em compensação mostraram-se muito mais distrahidos. De anno para anno, os objectos achados na rua, nos compartimentos do caminho de ferro ou nos trens augmentam em numero e em valor.



GABINETE DO SR. CAPITAO DIAS, ajudante do commandante da policia



GABINETE DO SR. MAJOR CORREIA,
ajudante do commandante da policia

assim todos os annos um relatorio que é, a todos os respeitois, curiosissimo e que prestará, queremos crê-lo, numerosissimas vantagens.

(Photographias de Arnaldo Fonseca).

Em 1891 perderam-se.....	26.780	objectos
Em 1892 » 	27.230	»
Em 1893 » 	28.270	»
Em 1894 » 	29.716	»
Em 1895 » 	32.997	»

E' assombroso o numero de objectos perdidos! Este relatorio dá conta de 15.626 guardachuvas, 2.490 *porte-monnaies*, 759 pulseiras de ouro e de prata, 165 relógios d'ouro, 248 relógios de prata, 2.306 malas de mão, 734 binoculos, 1 sacco contendo a quantia de 3.500.000 em ouro, 32 gatos vivos, 59 gaiolas com papagaios, 111 cães pequeninos, 1 telescopio, 2 machinas de costura, espingardas de caça, armas de guerra, um uniforme completo de *foot-guard*, um motor de gaz, ferramentas, 42 bicyclettes, baterias electricas, peças anatomicas conservadas em alcool, uma machina de malhar trigo, etc.

D'estes 32.997 objectos diversos recolhidos pela policia de Londres, 17.108 foram entregues ás pessoas que os tinham perdido; os outros foram entregues aos agentes, cocheiros, empregados do caminho de ferro, etc., que os tinham depositado. O total das recompensas pagas pelos donos dos objectos achados no momento da sua restituição eleva-se a 13.850.000 réis, entre as quaes ha 21 recompensas que vão de 25.000 a 50.000 réis, 5 de 50.000 a 125.000 réis, 1 de 150.000 e 1 de 375.000 réis. Esta ultima recompensa foi pela restituição da sacco que continha os 3.500.000 réis em ouro.

E' para desejar que a nossa policia elabore

Bicycletistas reaes — Familia real da Dinamarca e da Grecia



1 Princesa Olga, da Russia — 2 Principe Nicolau, da Grecia — 3 Princesa Xerina, da Russia — 4 Principe Jorge, da Grecia — 5 Princesa Victoria, de Galles — 6 Principe Andreas, da Grecia — 7 Princesa Maud, da Grecia — 8 Principe Waldemar, da Dinamarca.

O DOENTE

Pois senhores, não havia mais remedio senão offerecer me para velar o enfermo. Afinal de contas, era meu chefe, e teria sido uma falta de delicadeza imperdoavel, despedir-me de sua mulher sem lhe dizer, ao menos por cerimonia :

— V. Ex.^a quer que eu fique esta noite ?

Eu não contava que a boa mulher acceitasse o meu offerecimento, mas respondeu-me um sim tão natural, tão sonoro, tão retumbante ! Pois é verdade, apanhou me bem.

Fiquei dando a todos os demonios o doente, porque na repartição elle me não tratava muito bem. No ultimo dia em que fui ao seu gabinete a despacho atirou-me com o limpa pennas á ca-

beça, sem se encommendar a Deus nem aos Ministros. E sabem os senhores porque ? Porque n'uma nota eu puz *fazenda* com *F* grande, coisa que lhe atacava os nervos.

Pois bem ; repito que me resignei a passar aquella noite velando o meu respeitavel chefe, D. Anastacio Cuadradillo, em companhia de um seu visinho muito gordo e muito... commandante de carabineiros.

Uma creada morena e um gato ruivo inquieto e mião (era no mez de janeiro) completavam em casa do meu chefe o numero dos enfermeiros, isto é, dos que velavamos, porque a mulher do doente se foi deitar a dormir tranquillamente a pretexto de que o seu corpo não podia resistir á fadiga de uma noite mal passada.

Na verdade, a doença era gravissima — tres medicos o visitavam assiduamente ; mas as suas opiniões não coincidiam, porque, enquanto o mais velho assegurava que D. Anastacio era victima de um catarrho na larynge, outro dos esculapios affirmava que o doente padecia do figado, e o outro, que eram bexigas loucas.



Mas verdadeiramente loucas eram as pessoas que tinham que auxiliar o desgraçado, pois cada medico requeria differente systema e não se punha de parte nenhuma das receitas para não desgostar os tres medicos. Fiquei assombrado, quando li o plano manuscripto que a mulher do chefe, ao retirar-se, nos entregou — ao commandante e a mim.

O papel era uma especie de programma de festa, como póde vêr-se pela cópia junto.

Inutil é dizer que não havia occasião de descansar um momento durante a noite, tanto mais que o commandante se ageitou n'uma poltrona e adormeceu como um justo, enquanto a creada, acorada junto de um armario, fazia o mesmo, sonhando talvez com o ultimo sargento que a requestou na Fuente de la Teja.

Ante similhante situação, disse com os meus botões :

— Deixemos dormir o enfermo e descansemos o que seja possivel. Quem é que vae averiguar que o programma seja cumprido á risca ?

NOITE DO DIA 13

PROGRAMMA

- A's 12. — Quinino e agua de rosas.
- A' 1. — Cataplasma de linhaça e sanguesugas.
- A' 1 e meia. — Xarope de peonia.
- A's 2. — Banho de pés com mostarda.
- A's 3 e um quarto. — Renovação de compressas e faxas de algodão.
- A's 3 e meia. — Um clister.
- A's 4. — Cantaridas e chocolate.
- A's 4 e meia. — Pilulas e flôr de malva.
- A's 5. — Injecções hypodermicas e magnesia effervescente.
- A's 6. — Fricções nas pernas com enxundia de gallinha.
- A's 7. — Um bife com batatas.
- A's 7 e meia. — Belladonna e antipirina.
- A's 8. — Oleo de figado de bacalhau ; e se o enfermo dormir tranquillo, duches de agua fria.

Mas desgraçadamente os estrepitosos roncões do commandante e o miar do impaciente gato acordaram D. Anastacio quando eu ia a pegar no somno.

O descanso era pois impossivel.

Acabaram-se alguns medicamentos e tive que chamar a creada para que fosse á botica ; mas a rapariga negou-se a sahir áquella hora da noite, e eu não soube que fazer, se chamar o guarda civil para que a acompanhasse, ou ir eu mesmo á pharmacia mais proxima buscar as drogas necessarias.

Tive de optar por este meio, em vista das difficuldades que o outro offerencia ; e sahi para a rua, apesar do frio intenso que fazia, não sem acordar primeiro o commandante para que durante a minha ausencia cuidasse do doente, — resolução que me custou cara, porque o carabineiro estava sonhando não sei com que aventuras agradaveis e ao vêr os seus doces sonhos perturbados, não pôde reprimir o impulso de me dar duas palmadas na barriga.

Agradei-lhe e sahi precipitadamente.

D'ahi a um quarto de hora regressava carregado de frascos, caixas e pacotes, em troca de tres duros que deixei ao boticario e que nunca mais recuperarei.

Quando entrei em casa do doente, o commandante roncava como um bombardino, a rapariga dava uns suspiros muito fundos e o senhor de Cuadrillo desfazia-se em terriveis imprecações contra mim por não ter evitado que o gato subisse para cima da cama.

Por volta do amanhecer, D. Anastacio chamou-me, prorompendo em lamentos ; e eu, julgando-o victima de algum accidente imprevisto, corri pressuroso a acudir-lhe, disposto a chamar immediatamente a Extrema Uncção.

— Que quer, D. Anastacio ? perguntei-lhe assustado.

— Que hei de querer, desgraçado de mim ! exclamou o enfermo atirando-me com uma ca

taplasma. — Agora me recordo de que no expediente dos bombeiros de Puerto Rico o senhor não citou a Real ordem de 18 de outubro de 1860 !

— Por amor de Deus, D. Anastacio ! respondi-lhe. — Deixe-se agora de Reaes ordens e deite-se para baxo que lhe vou pôr vinte e quatro sanguesugas.

Ao ruido das vozes acordaram o commandante e a creada, a patrão e um papagaio que começou a pedir chocolate e a insultar-me de um modo escandaloso, até ao ponto de a dona ter de lhe coçar o piolho, enquanto o pobre doente pedia alguma coisa para confortar o estomago.

O commandante, meio a dormir, foi dar ao paciente agua de Carabana ; mas eu agarrei n'uma garrafa de Jerez e apresentei-lh'a, considerando a como o melhor dos especificos conhecidos.

Mas — ai, triste de mim ! — não era aquillo o que D. Anastacio desejava, mas peixe de esca-boche, sendo o peor do caso, que me atirou com a garrafa á cabeça, na força do delirio.

Fiquei aturdido, a escorrer Jerez e sem saber que fazer, se responder ao moribundo com duas bengaladas ou consolar a inconsolavel esposa.

Optei por fim, depois de me seccar e pôr um panno na cabeça, por me dirigir para a porta e regressar a minha casa, onde me aguardava a minha iracunda consorte, com quem travei este dialogo :

(ELLA) — Então que é isso ? que te aconteceu ?

(EU) — Venho com a cabeça partida.

(ELLA) — E a cheirar a vinho que tresandas.

(EU) — Já te explico tudo...





(ELLA) — Tu vens mas é d'uma taberna.

(EU) — Mas, mulher!... (Só me faltava mais esta!)

(ELLA) — P'ra cá vens de carrinho... Assim não ha ordenado que chegue... Vamos lá a vêr o dinheiro que trazes?

(EU) — Minha filha, gastei tudo na botica!

(ELLA) — Na botica?... A mim não me engrolas tu.

.....

Total : oito dias de zanga conjugal e as questões domesticas adherentes.

Pelo visto, fiquem os senhores, se quizerem, á cabeceira dos doentes.

Eu cá por mim... boas noites!

(Trad.)

BOB.

O PAMPEIRO

Não gostando de curar por informações nem de admirar por procuração, e achando-me perto da Republica Argentina (em Rio Grande do Sul), quiz um dia travar relações pessoases com o interessante Estado Platino. Quiz conhecer, sem ser pelo Balby e pelo Reclus, o que são os pampas e o pampeiro da America do Sul, a sua fauna e flora peculiares, as suas charqueadas, o viver intimo do gaúcho voando através do deserto no seu cavallo selvagem.

Tomei vapor para Buenos Ayres.

Ali, poucos dias depois de chegado, comprei bilhete na estação central para o Rosario. Comboyo extremamente commodo, com vagão-leito, por um preço baratissimo. Da capital ao Rosario medeia uma extensão desmesurada de terreno pampa. E' a savana platina. Accordei cedo, porque o primeiro trecho de viagem foi nocturno. Levantei-me e ao approximar-me da janella da locomotiva, percebi facilmente que estavamos em pleno deserto e em plena savana. Tudo dormia em torno de mim, disferindo as ultimas notas da harpa pouco melodiosa do somno. Sómente o sol, o eterno madrugador, tinha principiado a levantar-se de cima de uma enorme pyra de brasas, na solemne limpidez de um céu de gaze azul claro de turqueza. No pólo opposto desmaiava a lua, cedendo a vez ao astro rei.

Os pampas são nem mais nem menos que um *oceanosolido* e unido. Até aonde a vista abrange, a campina desdobra-se na sua horisontalidade magestosa, imponente e immensa como o alto mar, porém mais monotona que elle. Não possui o seu azul profundo, quasi tenebroso, nem as suas oscillações moveis, nem os desgarrões irrequietos e sublevados das suas aguas fremindo e espumejando debaixo da quilha atrevida do velleiro ou da helice rotatoria do vapor, que parece convulsional-a de desespero. Todavia é tambem um oceano. Produz, como elle, no pensamento a impressão subjugante do infinito.

Tem ilhas como os mares, pequenos oasis que picam aqui e além o deserto, em macissos compactos de um verde escuro de araucaria. Não o cruzam baleias, nem tubarões, nem boiam as medusas franjadas, á sua superficie; mas percorrem-no manadas innumeraveis de bois e cavallos, que pastam em absoluta liberdade, movimentando a savana morta e insipida. A sêcca, o flagello da steppe platina, empobrece frequentemente e esterilisa o humus

já de si ingrato, sobre o qual rompe a custo uma gramma desbotada como uma chlorose, onde o dente do gado não encontra preza nem o vento pampeiro um ramusculo sequer, onde sibile uma nota.

Ha alli naufragios e detritos de naufragios como no oceano. Os pampas são juncados, a espaços, por cadaveres de ruminantes, de cavallos, em cômoros de uma ossada inseputa, alva, esbrugada pelo bico voracissimo dos corvos e dos gaviões ou pelo dente dos cães selvagens, dando á steppe sul-americana a apparencia funebre de um campo, onde, ha muitos annos, se feriu, uma batalha renhida.

O milhafre atravessa o mar ullulando, o cavallo fende o deserto relinchando livre como o ar e rapido como o de Mazzeppa, ao passo que o boi nostalgico exhala, de focinho levantado, o seu mugido arrastado e queixoso ou estende o pescoço para o solo nú, n'aquella especie de contemplação de um olhar immoto e vidrado, que lhe é peculiar. Como além, no alto mar, passa o vapor e a nau soberba, onde alveja o velame bojado, tambem «o cavallo de fogo» do comboyo, atravessa as solidões dos pampas, atirando para o espaço abrazado e triste o silvo da vida e do progresso e borbotalando nos ares a espiral negra que o tisa como o traço do lapis sobre a pagina do livro que se percorre.



BUENOS-AYRES — O GAUCHO

Requerem-se tambem aqui pilotos da barra, para viajar em bucephalo a extensão incrível d'aquelle deserto, ou pelo menos carece o viajante de uma bussola. Por toda a parte o pampa se desenrola infinito como os areaes do Sahara e como o leito condigno onde se põe o sol de hoje, onde se levantará o scl d'amanhã.

Comtudo, esta immovidade immovel, estagnada como um pantano, cança e enfada ao cabo d'algum tempo. O olhar desprende-se facilmente d'este arremedo do Oceano, que tendo alguma cousa da sua magestade e do seu grandioso, não tem com elle o privilegio de ser, na phrase de Byron «a imagem movel da immovel eternidade.»

Ao chegar ao Rosario, o horisonte pesava negro como uma tempestade imminente, sobre o perimetro da cidade. Todo o céu tingia-se, lá ao fundo, de uma côr pardacenta e suja, que nem o céu de Londres, encarvoicado pela bruma e pela atmosphera artificial dos seus milhões de chaminés e das suas gargantas de fabricas. Sobre a cidade do Rosario, á proporção que nos hiamos approximando mais, as nuvens variavam do aspecto sinistro da fuligem a um amarello de óca, esbatido, sem belleza nem luz, como aguarelista que prova uma combinação de côres sobre uma folha de papel.

Por detraz da óca parecia que estava ardendo uma *queimada* do sertão do Brazil, quando os clarões rubros já começam a amortecer nas derradeiras encinerações das arvores tombadas. E o comboyo apontava rapido na direção do Rosario, como se lhe tardasse chegar a tempo de não ser colhido pelo proximo vendaval.

Mas eu nunca tinha visto um espectáculo d'esta ordem, um chromo tão horrivel de céu e de atmosphera «Que será isto? ruminava commigo; as proprias tempestades não se annunciam por esta forma». O vento ao mesmo tempo uivava implacavelmente; o velho Eólo abria todos os ôdres. A poeira, mas uma poeira côr de tijôlo e braza pulverizada fustigava-me a cara. Por vezes tive de pôr um lenço no nariz, para não asphyxiar.

De subito, cahi em mim; recordei-me de qual era o phenomeno. Era o *pampeiro*, o vento terrivel, o mistral da America do sul, que me fazia a sua apresentação sem apresentante, e com todo o seu cortejo dramatico de negromes, de reflexos sinistros, de prismas infernaes, de rugidos leoninos. Que potencia, quando chega a desenca near-se, como succede por vezes na Republica Argentina! Surge lá do fundo dos pampas, como um exercito aerio. E parte em ordem de batalha, cerrado e irresistivel. Leva adeante de si montanhas e columnas enormes de uma pulverisação asphyxiante, dardejadas pelo sol. Não é então mais o vento, é o *cyclone*, o irmão do raio, o despota da atmosphera. Para elle esgalhar uma arvore, desraizar um tronco, alluir e abater uma casa, transportar um telhado ou um homem a distancia, não passa de um brinco. E' a furia condensada no vento, o vento requintado no pampeiro, o pampeiro desesperado no cyclone.

O que soprou n'esse dia á nossa chegada ao Rozario, não foi tão formidavel e malfazejo; mas, ainda assim, tinha um aspecto de scenario verdadeiramente sinistro. Produzia em mim a sensação oppressiva que se experimenta ao respirar o ambiente de um quarto onde está trabalhando o machinismo de uma grande fabrica a vapor. Ainda bem não tinha apeiado na estação, destrombava a chuva, mas uma chuva diluviana, do seio d'aquellas nuvens de sangue e de cinza que o pampeiro, mais rapido do que nós, impellira adeante de si até á cidade provinciana de Buenos-Ayres.

Meia hora depois tinha passado o vendaval. Almocei com sincero appetite. Quando sahi do hotel por volta da uma hora, o dia estava lindo e a terra quasi enxuta.



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

ONDE ESTÁ A FELICIDADE

ERA uma vez um rei muito rico e muito extravagante que empregava toda a sua riqueza em caçadas e outros divertimentos, sem se importar com os negocios do estado apesar de a rainha sua mulher, o advertir, dizendo:

— Senhor, repara e que o povo murmura e tendes vosso filho.

Mas de nada servia, pois continuava com o abandono do paiz, até que uma mão traiçoeira o feriu em pleno peito, quando subia para a carruagem real em que devia ir a uma caçada nas suas mattas. Nunca se soube quem foi o seu assassino.

O principe Mario herdando do pae o abandono e o desleixo dos negocios reaes, estragou em divertimentos o pouco peculio que ainda lhe restava.

Tinha 20 annos o principe quando, deitado na cama, pensando nos amigos que outr'ora o estimavam e agora o abandonavam, e pensando na mãe cujos conselhos tinha desprezado, ouviu uma voz segredar-lhe :

— Principe eu sou o genio que protege os fracos, cujos corações são pervertidos pelos conselhos malevolos.

Teu pae desprezou-me. Viste o fim d'este. Se crês nas minhas palavras vae ao Egypto, ás ruinas do Castello do Morto ; senta-te n'uma columna dourada e espera.

Assim fallou a voz.

Voltou-se o principe rapidamente mas não vendo ninguem, julgou que tinha sido um sonho produzido pelos vapores do alcool. Mas não; tinha ouvido distinctamente dizer. «Principe, eu sou o genio que protege os fracos...»

Novamente impressionado foi contar o sonho á rainha, que desatou a rir dizendo :

— Filho, estás louco ! pensa acaso que eu acreditaria n'umas palavras que foram motivadas pelas insomnias que te atormentam ?

— Não, minha mãe, não sonhei. Ouvei, e portando quero ir ao Castello do Morto.

— Que a tua vontade seja feita, meu filho, disse a rainha.

Passados nove dias o principe Mario caminhando por esses montes fóra, moido, esfomeado, chega enfim ao Castello do Morto, procura a columna e senta-se.

Uma força irresistivel o obriga a fechar os olhos e a adormecer. Outra vez, mas em sonhos, ouve a mesma voz dizer-lhe :

— Principe, admiro a tua coragem ; quiz sómente experimentar-te. Volta a tua casa, cava debaixo da cama do fallecido rei teu pae e encontrarás o thesouro.

Acordando assombrado com o sonho que tivera poz se immediatamente a caminho de casa.

Passou um mez e a rainha desesperando já de tornar a ver o filho, estava pensativa á jaaella do parque quando um rapaz formoso mas esfarrapado se lhe lançou nos braços.

— Meu filho ! — Minha mãe ! — Estas duas exclamações cruzaram-se reciprocamente. Depois, a rainha disse ironicamente :

— Então, filho, trazes o grande thesouro annunciado em sonhos ?

— Não, minha mãe, mas tive outro sonho que me disse onde elle estava e agora tenho a certeza de o encontrar.

Separou-se o principe da mãe, fechou-se no quarto de seu pae e começou a cavar. Já começava a desanimar quando o enxada bateu n'um corpo duro. Era um cofre. Abaixar-se e apanhar o cofre foi para o principe obra de um momento ; abriu o, esperando vêr um thesouro, mas viu sómente um espelho e uma carta. Abriu-a e leu-a. Dizia :

«Com este espelho procurarás uma donzella cuja respiração não o embacie. Casarás com ella porque é a esposa que te convem.»

Tratou logo o principe de procurar a donzella ; em primeiro logar foi a casa do emir e expoz-lhe o fim da sua visita. Tratou logo o emir de chamar as suas duas filhas. Alzira pegou no espelho que não foi embaciado pela sua respiração. Em vista d'isto o principe pediu-a em casamento, o que lhe foi concedido.

Tratou se logo dos esponsaes levando a noiva um dote principesco como lhe competia.

Passados muitos annos o principe que vivia muito feliz com seus filhos e o socego no seu lar, já se tinha esquecido das palavras que ouvira em sonhos, quando a voz lhe segredou novamente :

— Eis ahí a riqueza que te annunciava. E' a paz e o socego do teu lar.

JA ESTA A VENDA

O ALMANACH

ENCYCLOPEDICO

PARA 1897

(2.º ANNO DE PUBLICAÇÃO)

DIRIGIDO E PREFACIADO POR

EÇA DE QUEIROZ

Este volume, consideravelmente melhor que o do 1.º anno, rivalisa, na abundancia de materias, na sua intelligente disposição, na concisão e clareza com que os assumptos são expostos, no resumo dos principaes successos e descobrimentos scientificos do anno de 1896, na grande somma de conhecimentos e de noções práticas que nos ensina, e finalmente na disposição typographica e nas illustrações, — com os melhores Almanachs que se publicam no estrangeiro: tendo sobre elles a grande superioridade do prologo, do delicioso prologo que EÇA DE QUEIROZ expressamente escreveu e que é uma encantadora obra prima, uma verdadeira maravilha litteraria como só o glorioso auctor do *Crime do Padre Amaro* poderia escrever.

Um volume de 400 paginas,
com muitas gravuras, broch., 500 rs., cart., 600 rs.
Pelo correio mais 50 rs.

Pedidos á Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, Lisboa

MADAME

RENAN

NOVO ROMANCE DE

CAIEL

Acaba de apparecer á venda em todas as livrarias. Um bello volume com 900 paginas, brochado, 1\$000 réis. Pelo correio, 1\$100 réis.

A' VENDA NA LIVRARIA DO EDITOR

ANTONIO MARIA PEREIRA

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portugueza.....	650 "	1\$300 "	2\$600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Lenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarell , etc.
Illustrações de toda
a classe de obras.
Periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc.

São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimento de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quizesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante: — No Porto, Gualdino de Campos, rua 1e D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.

CASA LAMBERTINI

FORNECEDORA DA CASA REAL

PIANOS, HARMONIUMS, REBCAS, FLAUTAS, BANDOLINS, ETC.

Grande sortimento de Musica

EDIÇÕES PETERS

e outras edições economicas

A CASA LAMBERTINI acaba de receber um variado sortimento de Bandolins napolitanos (legitimos) que vende por preços moderados.

Estojes e outros accessorios para Bandolim

CORDAS ITALIANAS

LEGITIMAS VIOLAS HESPAÑHOLAS

PAPEL DE MUSICA

E todos os artigos referentes á arte musical

DÃO-SE CATALOGOS

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

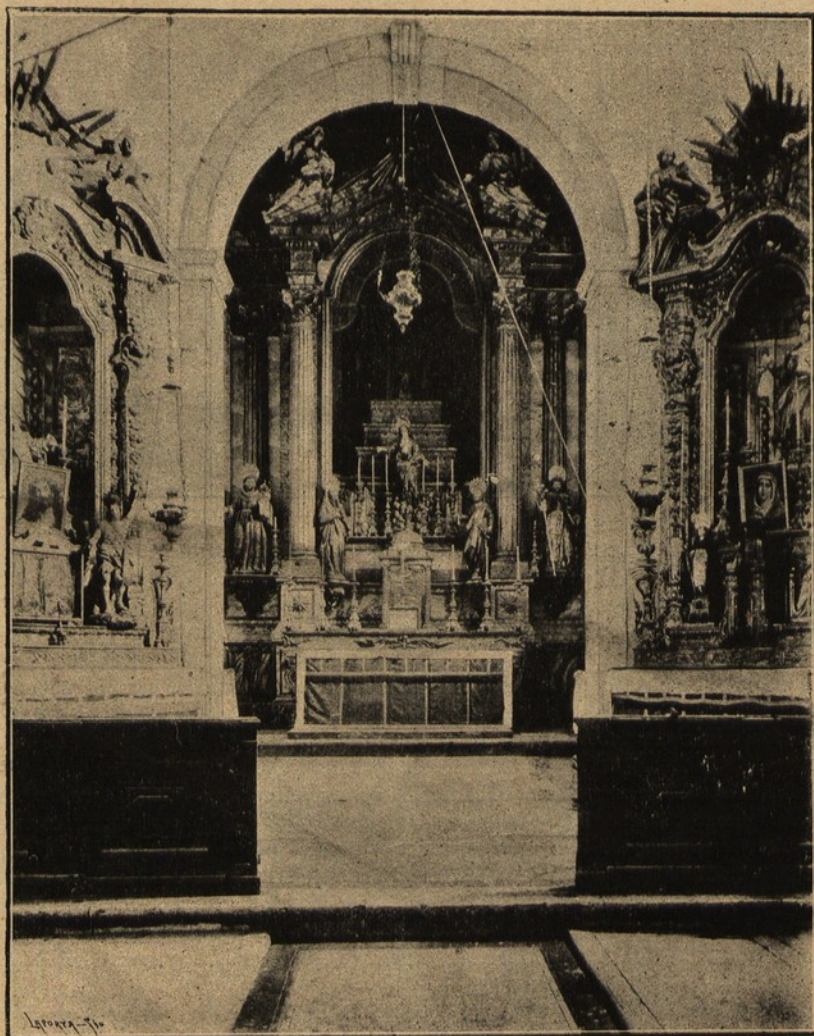
SEMENARIO ILLUSTRADO

N.º 46

LISBOA, 14 DE FEVEREIRO DE 1897

1.º ANNO

EGREJAS PORTUGUEZAS



ALMADA — Interior da Igreja do Convento de S. Paulo

VIAGENS NO PAIZ

(XIX)

COVILHÃ

A Covilhã assenta nas abas da serra da Estrella, em um monte, entre as ribeiras da Carpinteira (ou da Fabrica) e Degoldra. Foi fundada na baixa da encosta junto aos pomares, a que dão o nome de Ladeira de Martim Bello. Com o desenvolver-se foi-se alongando pela montanha. São muito fertes os seus arredores e bastante arborisados e a região circumvisinha da laboriosa e importante cidade é muito pittoresca e amena. Pela sua riqueza fabril foi elevada á cathegoria de cidade em 20 de outubro de 1870.

No concelho da Covilhã havia já ha uns trinta annos 27 fabricas de cardar e fiar lã, 8 de fição e tecidos, 47 fições mechanicas e 17 manuaes, 35 pisões, 20 tinturarias, 113 estabelecimentos para ultimação. Hoje esta lista já é deficiente. Os productos principaes d'estas fabricas são saragoças, burelinas, casimiras, mesclas, castores, briches,



VISTA DA COVILHÃ, tirada da estação do caminho de ferro

castorinas, meias, chale-mantas. A sua qualidade é excellente, e por isso, com sobeja razão, a Covilhã é denominada a Manchester Lusitana.

No tempo do Marquez de Pombal, o grande restaurador da industria nacional e creador de novos centros de trabalho fabril, fundaram-se em 1764 as fabricas reaes da Covilhã e Fundão. Com estas e com a de Portalegre dispenderam-se nos primeiros annos uns 600:000\$000 réis. Desde 1781 a 1788 a fabrica da Covilhã e Fundão rendeu 17:000\$000 réis. N'esta ultima data o estado vendeu-a a uma sociedade que a fez progredir successivamente; mas a desastrosa invasão dos francezes prostrou-a, a ponto de ella deixar de funcionar por dilatado periodo de tempo.

A cidade da Covilhã foi sempre merecedora da estima e valimento dos monarchas portuguezes. D. Affonso III, na provisão de 2 de dezembro de 1253 declarou-a uma das principaes povoações da Beira, D. Manuel, em 1498, classificou-a de principal *no centro das outras villas do reino*. Finalmente D. Sebastião, em provisão de 1570, conferiu-lhe o titulo de *notavel*. Tinha voto em côrtes. D. Sancho I deu-lhe foral em 1186 e grandes privilegios e isenções. Este soberano deu-a em 1199 a Raymundo Paes, em remuneração dos grandes serviços por este prestados ao paiz. Os successores do filho de D. Affonso Henriques mantiveram e ampliaram os privilegios que elle dera á Covilhã.

Na cidade alta ha um castello cuja edificação é attribuida a D. Sancho I. Tem muralhas arruinadissimas com tres portas.

Entre as principaes fabricas da Covilhã avulta a dos srs. Campos Mello & C.^a, cujo primeiro chefe foi o visconde da Coriscada, que deu um grande impulso ao progresso da sua cidade natal, tanto pela coragem com que introduziu melhoramentos importantissimos na industria das lãs, á custa de muitos trabalhos e largos dispendios, como pela protecção desvelada com que sempre cuidou dos interesses moraes e intellectuaes e do desenvolvimento material da Covilhã.

Antes de aberto á exploração o caminho de ferro que constituiu um grande melhoramento para os povos do

concelho da Covilhã, tinha esta cidade uma boa estrada de comunicação com Castello Branco e outra com a Guarda.

A Covilhã é patria do illustre explorador Pedro da Covilhã. O seu brazão de armas é uma estrella em campo azul.

A laboriosidade e o caracter generoso do povo da Covilhã são proverbias.



COVILHÃ — Torre e igreja do Coração de Jesus

*

Divide-se a Covilhã em duas partes : intra-muros e extra-muros, — a antiga villa e a cidade moderna.

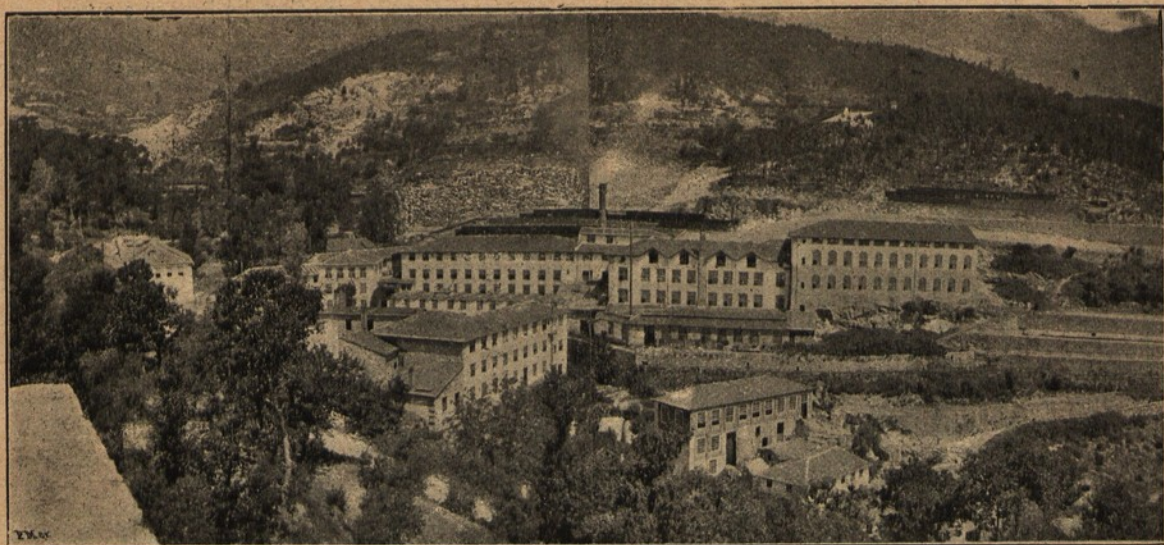
Tem quatro freguezias : Santa Maria Maior, S. Pedro, S. Martinho e Conceição.

Em 1757 tinha a cidade (então villa) 981 fogos e 4:000 habitantes ; em 1878 elevavam-se essas cifras a 10:986 habitantes e 2:425 fogos.

*

Ao norte da cidade corre a ribeira da Carpinteira, e ao sul a da Degoldra, ou da Fabrica Real. Cada uma d'estas ribeiras, desde a sua respectiva origem, até ao ponto em que entram no formoso Valle do Zezere, podem considerar-se duas importantes povoações industriaes, aonde se empregam milhares de operarios, homens, mulheres e creanças.

As fabricas mais notaveis são as das firmas Campos Mello & Irmão, José Mendes Veiga, Alçada & Mouzaco,



COVILHA — Fabrica velha

Sebastião da Costa Ratto & Sobrinhos, José Rodrigues Rogeiro, Antonio Nunes de Sousa & Filhos, Antiga Companhia Nacional de Lanifícios, Almeida Campos & Filho e Antonio de Paiva Boleu, Manoel Gomes Frenetico, José Nunes Lopes Pinto, Cruz & Irmão e muitas outras que por falta d'espaco nos abtemos de citar.

*

Em março de 1891, o governo concedeu á Covilhã os privilegios e regalias de concelho autonomo. O municipio da Covilhã, constituído agora d'uma forma especial, com attribuições de maior latitude administrativa, passa a



COVILHA — Fabrica velha — Teares de madeira

ter uma vida desassombrada e de verdadeiro progresso, e é de esperar que em poucos annos possa libertar se dos encargos que lhe crearam as difficuldades e attritos postos ás suas aspirações pelo concelho de districto, do qual conseguiu emancipar-se pelo citado decreto.

*

Os campos vicinaes da cidade são fertilissimos e povoados de arvoredos.

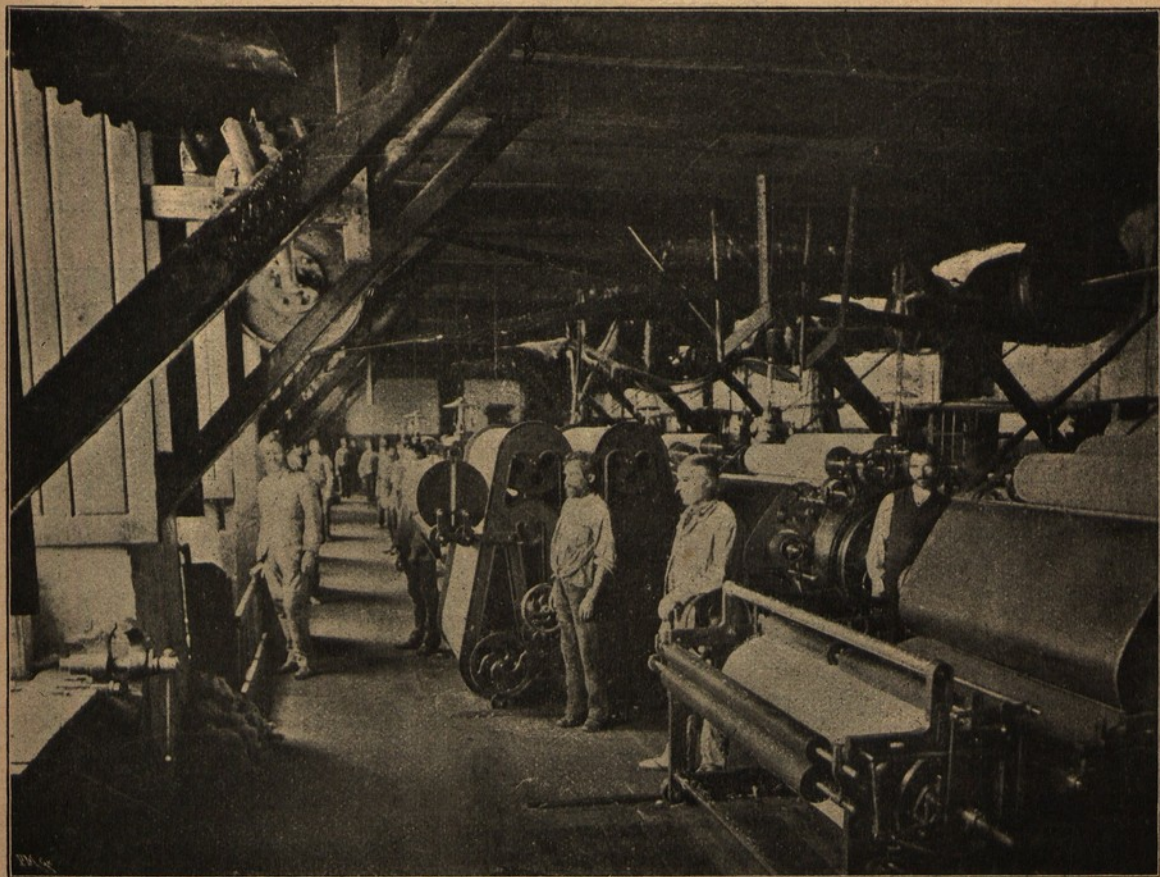
A agricultura do concelho fornece abundantemente de fructos, sementes e legumes os mercados da cidade; porém o preço dos generos alimenticios é bastante elevado pela numerosa população e devido á falta de peixe que ainda ha pouco tempo era de difficil e de dispendioso transporte desde a costa até alli. O caminho de ferro da Beira-Baixa influuiu grandemente nas condições de economia alimenticia d'este grande centro industrial.

*

Ha na Covilhã quatro escolas de instrucção primaria para o sexo masculino e duas para o femenino; um esta-



COVILHÃ — Largo do Pelourinho (lado norte)



COVILHA — Fabrica velha — Cardas



COVILHÃ — Largo do Pelourinho

belecimento de beneficencia e instrucção denominado «Real associação protectora de infancia desvalida da Covilhã», fundado pelo fallecido visconde de Coriscada, com a cooperação de muitos outros cidadãos benemeritos; um collegio para o sexo feminino intitulado de N. Senhora da Conceição, aonde tem sido educadas muitas senhoras de familias distinctas de todo o paiz; este estabelecimento ministra gratuitamente a instrucção a um grande numero de creanças pobres.

A casa de instrucção de mais elevada cathogoria é a Escola Industrial Campos Mello, da iniciativa de Antonio Augusto d'Aguiar.

São muito frequentadas n'esta escola as cadeiras de desenho regida pelo director Manuel de Moraes Junior, e a de francez pelo professor Carlos Pereira.

Tem regular assistencia as aulas de chimica e mathematica, applicadas á industria e á officinas de tecelagem e tinturaria, que vão ser estabelecidas em casas especiaes, como dependencia da escola.

*

As photogravuras que illustram este artigo foram reproduzidas de photographias que amavelmente nos facultou o sr. A. S. Pedroso.



COVILHA — Rua Direita



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

O ALMOCREVE

HAVIA n'uma aldeia um almocreve que desde pequeno andava a vender sardinhas. Não tinha familia, vivia só e corria as aldeias vizinhas, sempre na sua faina, sempre chorando a sua desgraça; até que um dia, quando ia para a cidade comprar o seu ganha-pão, foi assaltado por uns meliantes armados de pistolas, que lhe roubaram o dinheiro, e lhe deram ainda por cima muita pancada. O pobre homem, vendo-se sem dinheiro para comprar as sardinhas, voltou para traz a chorar, e a meio do caminho encontrou um velhinho, agarrado a um pau que lhe perguntou:

— O' homensinho, porque é que tu choras?

— Choro, porque quando ia agora para a cidade comprar as sardinhas, para trazer para a aldeia e vendel-as, fui assaltado por uns homens que me tiraram o dinheiro, e me deram pancada.

— Pois pega lá este dinheiro, e esta meza: quando quizeres comer, diz: «põe-te minha meza» e não tornes a andar a vender sardinha. — O pobre homem agradeceu e disse:

— Quem na terra vale aos pobres, tem o premio lá no céu.

E foi andando até que se lhe fez noite no caminho, e se viu obrigado a ficar n'uma estalagem. Entrou e foi logo experimentar a meza dizendo: «põe-te minha meza». Immediatamente a meza se encheu de tudo quanto é bom. Os donos da estalagem, que presenciaram a scena, deixaram adormecer o velho, trocaram-lhe a meza e roubaram-lhe o dinheiro, deixando apenas na saccola uns magros cobres que só chegavam para ir comprar as sardinhas, para tornar a vender. O homem quando se levantou, foi logo ver o seu dinheiro e achou muito pouco; foi direito á meza mas não lhe appareceu nenhuma comida. Começou a gritar que o tinham roubado e por mais que pedisse ao dono da estalagem, elle nunca lhe deu nada. Então, resolveu voltar a vida, e sahiu em direcção á cidade quando no meio do caminho, no mesmo sitio, encontrou outra vez o velhinho que lhe perguntou:

— Então tu voltas a vender sardinha? — Elle contou-lhe o que lhe tinha acontecido e o velho disse-lhe:

— Pega lá este burro, e quando quizeres dinheiro diz: «quero dinheiro» e não tornes a vender sardinha. — Elle agradeceu muito e lá se poz a caminho, até que viu outra estalagem; julgando que lhe não acontecia a mesma coisa que na outra, entrou e foi logo experimentar o burro, mas tambem lh'o roubaram. Decidiu-se a voltar á vida e encontrou outra vez o velhinho que lhe disse:

— Isto é demais! tu andas a brincar? — Elle contou-lhe o que se passou, e o velhinho deu-lhe então uma moça e disse-lhe:

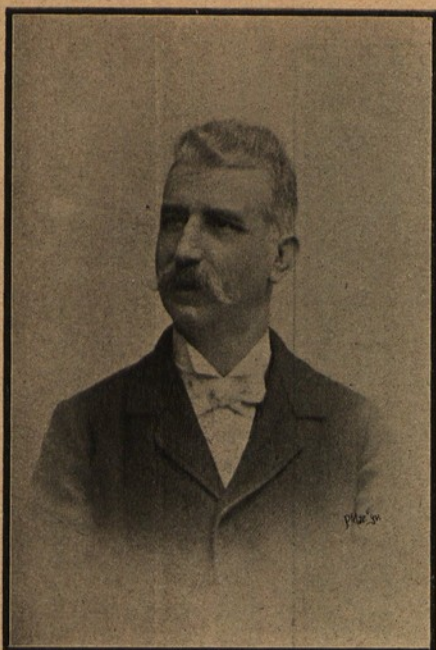
— Pois vae lá, e pede para que te dêem tudo; se te não derem, diz: «desanda-te, minha moça» que elles dão-te logo tudo. — Elle agradeceu e foi andando até chegar ás estalagens; começou a pedir o que lhe tiraram; mas como lh'o não quizessem restituir, fez o que o velhinho lhe tinha dito. Em poucos minutos tinha tudo nas mãos. Depois, cheio de contentamento, foi para uma das melhores cidades, e mandou fazer um dos melhores palacios, para habitar. Como, porém, na cidade o tivessem conhecido pobre, e agora o vissem assim tão rico, foram dar parte ás auctoridades. Estas foram logo a casa d'elle, e disseram-lhe que lhes mostrasse a maneira como tinha arranjado fortuna. Elle accedeu com todo o gosto e foi buscar a meza; mostrou-lhe o que ella tinha; foi buscar o burro e procedeu da mesma forma. Espantada com o que via, a auctoridade quiz leval-o preso por feiticeiro. Mas o almocreve mandou-a esperar um pouco; foi buscar a moça e disse: «desanda-te, minha moça». Immediatamente fez fugir a auctoridade pela porta fóra.

MANUEL ROCHA GUIMARÃES.



A TARDE — (Quadro de R. Knight)

ABANDONADOS!



JOÃO ANTONIO DE SOUZA AMORIM
Sub-inspector da policia administrativa



O AGENTE ANDRADE E SUA MULHER,
a cargo de quem estão as creanças abandonadas

Por noites de inverno, chuvas, ventanias, neves, acorados nos portaes, escoando-se na sombra, miseros farrapos d'esta vida humana, os pequenitos iam arrastando a sua luctuosa orphandade, sem ninguem que lhes desse o calor de um carinho, a suave doçura de um affago, espreitando para dentro dos lares povoados de risos e das alegrias são que robustecem a alma e a preparam audazmente para a vida.

Ninguem os tinha encaminhado n'este aspero trilho de trabalhos. Lançados á rua, ficaram tendo á rua o apêgo dos desgraçados e n'ella começaram a terçar as suas armas de combate, correndo ao encontro dos que passam e pedindo-lhes o pão da caridade.

E ninguem os ouvia; e elles continuaram ao sabor da sorte má que os tinha fadado para a Desgraça, sem desalentos ainda, porque o seu coração infantil não abrigava os desenganos que mais tarde a vida lhes daria, mas já com uns resaios de cynismo precoce aprendido na convivencia de todos os deboches e de todas as crapulas.

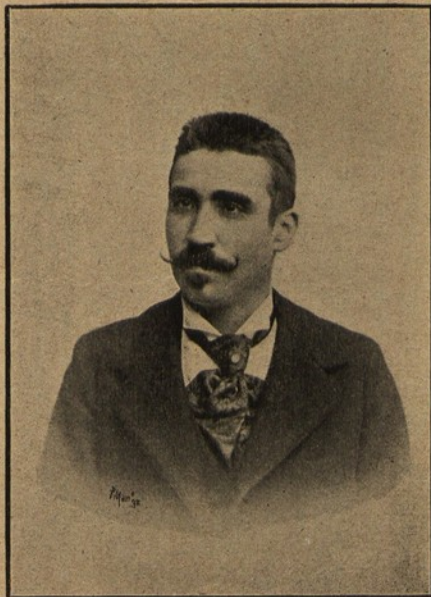
Mas tantos passaram, que por fim alguem os ouviu: a propria Policia que elles tanto

temiam, os tomou sob a sua protecção. E hoje, ainda sem confortos porque a caridade que os acolheu não pôde muito, gozam no emtanto uma tranquillidade relativa, já tem um lar, já sorriem, já dormem descansados.

Bem dita a alma que se lembrou de os chamar a si!

Agora, a iniciativa está tomada para lhes dar um abrigo e lhes dar um futuro. Organizou-se uma commissão em que entram elementos de todas as camadas, valiosos elementos de que ha tudo a esperar. Pela nossa parte associamo-nos do coração a esta causa tão sympathica e pômos o vosso valimento, bem que pequeno, ao serviço de tão grande e humanitaria ideia.

*
* *



O CHEFE ALEXANDRE MORGADO

Ficarão vinculados a este fim tão altruista os nomes do sub-inspector da policia administrativa João Antonio de Souza Amorim, do chefe Alexandre Morgado e do agente da policia administrativa Andrade.

O sub-inspector Amorim foi sempre um desvelado protector das creanças abandonadas,

auxiliando-as com as verbas estipuladas na lei para este fim e, quando estas faltavam, dando do seu bolso particular, ás vezes com verdadeiro sacrificio, o preciso para attenuar um pouco a má sorte dos desgraçados.

O sr. João Antonio de Souza Amorim foi por muito tempo, antes da nova organização policial, commissario de policia adjuncto e nomeado depois commissario effectivo da 1.ª divisão, com séde no pateo de D. Fradique.

A sua folha de serviços é dos mais honrosos, tendo merecido sempre os louvores dos seus chefes e desempenhando-se cabalmente de todas as diligencias de que foi encarregado.

E' uma physionomia sympathica que captiva á primeira vista e um cavalheiro affavel e attencioso.

O chefe Morgado, actualmente ao serviço da policia administrativa, é bastante conhecido e o seu nome tem sido muitas vezes citado nos jornaes em actos de philantropia.

E' praça desde 1880; foi promovido a cabo em março de 1885 e a chefe em 19 de fevereiro de 1896. Serviu em



GRUPO DAS CRIANÇAS ABANDONADAS

comissão no commissariado geral de policia desde 1882 a 1893, passando depois para a repartição em que hoje está. Além d'isso, tem a seu cargo a parte de investigação da *Galeria de criminosos celebres*, uma publicação interessante que tem merecido um grande acolhimento do publico.

N'esta questão de creanças abandonadas tem sido de uma actividade incansavel e a elle se deve, em grande parte, o impulso dado a esta humanitaria ideia.

O agente Joaquim Augusto de Andrade é o que tem as creanças em sua casa, recebendo para isso um pequeno auxilio do cofre de beneficencia do Governo Civil, mas dispendendo com ellas um grande carinho que é, talvez, do que elles mais precisam.

Entrou para a policia em 21 de maio de 1881 e passou a agente da policia administrativa em agosto de 1893. Desde 23 de janeiro de 1890 até á data da reforma da policia, foi ordenança do sr. dr. Leça da Veiga.

Na grata tarefa de suavisar a sorte dos infelizes abandonados tem achado uma excellente companheira em sua esposa.

COISAS ANTIGAS

(A D. João de Austria, quando se retirou perdida a batalha do Ameixial, se fez este soneto)

Soberbo, e enganado, vossa Altê
Entrou por Portugal mui abelhu,
Com milhões de cavallos e trabu,
Ameaçando as praças do Alemtê.

Não sabe que tem dente de coê,
E que os nossos pelem como bru?
Pois a poder de cavas, e redu
Sempre os seus levaram na cabê.

Se o seu Rei, lá Gigante foi Goli,
O nosso Rei novo David se acclã
Por valente, por forte e por meni.

Poz a pedra, atirou, deu a pedrá,
E como a pedra tinha cinco qui,
Lhe poz na dura testa as cinco Chá.

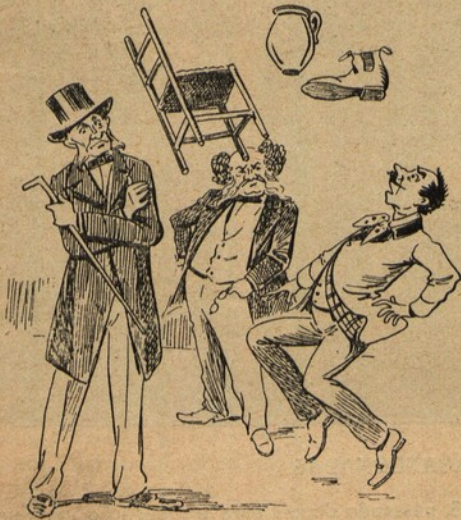
No Mundo Scientifico

A HUMANIDADE VOANDO. — LIQUIDAÇÃO DO ESPIRITO. — PORQUE SE VAE AO POLO NORTE.
CANHÕES DE CABELLOS

SEGUNDO annuncia uma revista scientifica franceza, não tardará muito que a humanidade possa voar, se não com a rapidez de uma andorinha, pelo menos com uma certa facilidade.

Acaba de averiguar-se que o peso de um corpo só radica no seu centro de gravidade. E' este, segundo parece, o unico ponto de um corpo sobre o qual exerce influencia a attracção terrestre.

Portanto, se se conseguir extrahir de um corpo o



seu centro de gravidade, o corpo deixará de ser pesado e fluctuará no espaço; e se fôr animado poderá transportar-se de um ponto para o outro pelos ares, só com um ligeiro esforço produzido pela sua vontade.

Conta a mesma revista que o descobridor d'este principio tem como ornamentação no seu gabinete de estudo da *Rue d'Antin*, em Paris, varios objectos no ar, aos quaes extrahiu o seu centro de gravidade por meio de um finissimo saca-rolhas de platina.

A experiencia n'um homem ainda não se realisou por não se encontrar quem se preste á sorte do saca-rolhas e porque é muito difficil averiguar com toda a exactidão a situação de um centro de gravidade n'um corpo tão irregular como o do homem e cujo peso varia de um momento para o outro.

De modo que, se bem que o problema de voar não é coisa resolvida, pelo menos deu-se um grande passo e conseguiu-se uma coisa de verdadeira utilidade.

As uvas e outras fructas poderão conservar-se no ar sem necessidade de fio.

Por meio de pressões e resfriamentos chegou-se a solidificar gazes como o oxigenio e o hydrogenio.

Mas o dr. Chiktek, de Genebra, foi mais longe, e propõe se chegar a um ponto verdadeiramente assombroso, mercê de unsapparelhos de sua invenção, com os quaes consegue uma pressão de 8:000 atmospheras e uma temperatura de 2:000 graus abaixo de zero.

Com tão poderosos elementos conseguiu solidificar a luz solar, reduzindo 50:000 metros d'essa luz a um pequeno volume de menos de um millimetro cubico.

E' impossivel formar-se uma ideia dos minimos reflexos despedidos pelo globulo de luz petrificada. Basta dizer que o dr. Chiktek e os seus ajudantes só poderam obtel-o atravez de uma chapa de ferro de mais de um centimetro de espessura.

O mesmo sabio solidificou tambem a obscuridade e



communicou aos seus amigos que, antes de um anno, pensa converter em liquido toda a qualidade de affectos do espirito, como a ira, o amor, a alegria e outros.

A actual geração saberá, portanto, de que côr é a soberba e o carinho, e até poderá pintar habitações com amor liquido, ou com qualquer outro affecto da alma, segundo a maneira de ser de cada um.

As expedições ao Polo Norte multiplicam-se, mas não as do Polo Sul. Porquê?

*
* *

*
* *

E' esta a pergunta que a si mesmos terão feito muitos dos nossos leitores.

A resposta não pode ser mais simples : o chegar ao Polo Sul não traria utilidade nenhuma, enquanto que a conquista do Polo Norte, sim. Uma vez que se consiga

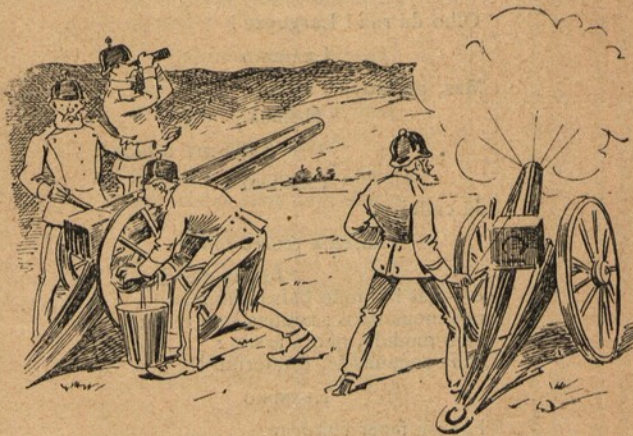


ir a este ponto, poderão economisar-se muitas leguas em grande numero de viagens. Assim, por exemplo, um habitante de Portugal que deseje ir á Coreia, irá primeiro ao Polo Norte e d'ahi descerá pelo meridiano que passa por esta península, poupando metade do caminho.

Os cabelleiros estão em maré de sorte.

A maior parte dos desperdícios das diferentes industrias têm o seu aproveitamento, excepto o cabelo que se varre nos cabelleiros.

Desde hoje, os barbeiros guardarão com maximo



cuidado o cabelo cortado aos seus freguezes, pelo que auferirão bom dinheiro.

E isto porque na Allemanha está-se dissolvendo o cabelo humano para fazer, com outros ingredientes, uma massa que serve para a fabricação de canhões.

Dos grandes ateliers de Grusson foram retirados todos os materiaes de aço e substituidos pela pasta de cabelo endurecida.



QUELUZ — Uma alameda do parque

○ DR. MISERIA

(Fragmento inedito)

SCENA V

DR. FELIX MISERIA, lente de medicina jubilado
DR. MISERIA e LEANDRO

(Vêm ambos pela porta da E. — MISERIA traz LEANDRO deante de si aos encontrões)

MISERIA

Olho da rua ! Largueza !

LEANDRO

Mas, patrão...

MISERIA

Calla-me o bico !

LEANDRO

Já callei.

MISERIA (*outro tom*)

Julgas-me rico...

e — zás ! — mão baixa, limpeza
nos meus bens ; roubas sem termo
nem medida, não é assim ?
Pois enganas-te, estafermo !

LEANDRO

Escusa fazer chinfrim.

MISERIA

(*outro tom, sempre exaltado*)

Eu sou pobre, muito pobre :
não tenho nada de meu !
Nem oiro — ouviste ? — nem cobre !
Cobre !... Isso vinha do céu !

LEANDRO

Sim, senhor ; fico sciente...

MISERIA

Quasi que sou um mendigo...
— Repete isto que te digo
muita vez... a toda a gente...

(*outro tom, empurrando-o*)

— E agora rua, espantalho,
que a casa d'um esculapio
não deve dar agasalho
ao mais safado larapio !

LEANDRO

Larapio !...

MISERIA

Sim !

LEANDRO

Eu ? !...

MISERIA

Sim ! Juro

pela minha salvação !

LEANDRO (*zangado*)

Senhor doitor !...

MISERIA

Tens um furo

ahi, na palma da mão !

LEANDRO

Isso quer méssas ! (*á parte*) Vae torta !
Eu encaixo-lhe o capello !...

MISERIA

(*outro tom passando á D.*)

Põe-me ponto no t'ramello ;
vae-te embora — e fecha a porta.

LEANDRO

Perdão : em antes dirá
porque me chama ladrão.

MISERIA

Ah ! quer's saber a razão ?
Pois n'esse caso ouve lá :
— Na terça-feira passada
rapinaste da dispensa
uma castanha pilada.

LEANDRO

Mas...

MISERIA

Tiraste-a, sem licença,
de ao pé d'uns figos maduros.

LEANDRO

Porém...

MISERIA

Nega as tuas manhas !

LEANDRO (*á parte, furioso*)

Pago capital e juros
E dou-lhe quatro castanhas !

MISERIA

No dia seguinte, quarta,
faltaram folhas de chá.
Cinco ou seis, nem eu sei já.

LEANDRO (*rindo*)

Oito ou dez...

MISERIA (*furioso*)

Raio te parta,
salteador ! Alma damnada !

LEANDRO (*fazendo figas*)

Arreda ! P'ra longe o enguiço !

(*outro tom*) Ouça lá : a agua chalada
foi por causa da pitada
que em vez d'ir ter ao toutiço
desceu toda p'r'á garganta...

MISERIA

Bravo ! Bravo, seu Leandro !
Vossa mercê pinta a manta !
Sahiu-me um grande malandro !

LEANDRO

Foi o rapé...

MISERIA

Que impudor !
Tratasses do teu officio ;
servisses o teu senhor,
e não abrisses ao vicio
as ventas contaminadas
do corruptor vinagrinho !
— Rapé, cigarros e vinho
são praxes bem relaxadas
que a um creado não consente
quem além d'honesto é velho.
Cheirar rapé !... Indecente !
Cheira a ponta d'um chavelho !

LEANDRO

O rapé remedio foi...

MISERIA (*interrompendo-o a rir*)

Remedio ? !... Intrujas de balde.

(*outro tom*) Toma chavelho de boi
na botica de Ramalde !

Isso sim, isso faz bem :
toma d'esse ; apura o olfacto,
é mais limpo e mais barato
... e é do que eu tomo tambem.

LEANDRO

Pois tome um chifre o patrão
que eu prefiro o meio grosso.

MISERIA

Safado ! Cara de cão !
Inda te salto ao pescoço !...

LEANDRO

Ah ! salta ? Então qual de nós
é que é o cão ?

MISERIA

Insolente !

(outro tom) Vamos a outro roubo atroz :
— A quatorze do corrente,
sexta feira, salteador,
não tiraste um alfinete
de cima do toucador ?

LEANDRO

Foi para pregar o collete,
que tem casas sem botões.
O menino... — (Cá p'ra mim
aquillo é o rei dos patrões !...) —

MISERIA

Adeante !

LEANDRO

Disse me assim :

«Leandro, vaes me comprar
ao theatro um camarote ;
primeira, frente — e ao voltar
como eu ando cançadote,
traze contigo um *coupe*...

MISERIA

(*agarrando se a elle, convulso*)
Abrenuntio ! que te esbarro !
O servo toma rapé,
o patrão theatros e carro !
Abrenuntio ! Vejo agora
todo o abysmo : — Um filho á perna,
que em vida do pae devora
a legitima paterna !
— E tu seu cumplice !

Rua !

Rua, villão ! Scelerado !
E agradece a Deus, e á tua
sorte, não ir's algemado !
P'ra tal crime, ninharia
todo o codigo penal !

LEANDRO

(*pretendendo libertar-se*)

Deixe-me em paz ! que mania !

MISERIA

Rua ! Rua, cannibal !
— Mas em antes, ratoneiro

LEANDRO (*agastado*)

E elle a dar-lhe !

MISERIA

...deixa ver
se me palmaste dinheiro !

LEANDRO (*offendido*)

Pois, acaso, póde crer ? !...

MISERIA (*revistando-o*)

Não... eu julgo-te um modelo
de virtude... certamente...
mas... sendo o factio evidente
preciso reconhecê-lo.
Isto é reconhecimento,
nada mais... (*Leandro torce-se*)
Tens comichões ?

LEANDRO

(*áparte, com rancor, emquanto é inspeccionado*)

Tenho-te gana, avarento !

MISERIA

Alto lá ! Cinco tostões ? !...

LEANDRO

Muito meus ! E inda mais : veja ;
isto custou-me a ganhar.

MISERIA

E' possivel que assim seja ;
tratemos d'averiguar...

(*examinando a moeda*)

Não sahiu da minha arca ?
— Mil oitocentos e oitenta...

(*pensando*)

D'estas tenho eu só noventa,
mas todas ellas com marca...

(*examinando-a de novo*)

E esta não tem, na verdade...
— E as outras ! Nada destrinço !

LEANDRO

Que grande *cavallidade* !
O doitor marca o *painço* !

MISERIA

(*dando lhe as moedas*)

São tuas...

LEANDRO

(*guardando-as, com mau modo*)

Pelo favor
sinceras graças lhe dou.

(*áparte, olhando-o com rancor*)

Que pedaço de doitor !
Bem dita a mãe que o gerou !

MISERIA, (*empurrando-o*)

E agora, rua ! Girar !
Põe-me esses quartos lá fóra !

LEANDRO

Isso... conforme... Ir-me embora
inda o ha-de decretar
o outro patrão...

MISERIA

Qual outro ?

LEANDRO

Ora quem ! Quem ! O seu filho !

MISERIA

Ah ! que desanco este potro !...

LEANDRO (*rindo*)

Não se metta em tal sarilho !

MISERIA

Tu quer's ou não quer's ouvir :
— Já deixaste o meu serviço.

LEANDRO

D'accordo — concordo n'isso,
mas continuo a servir
o outro patrão ; e verdade
(*com uma venia, despedindo-se*)
seja dita, meu senhor :
sinto grande f'licidade
em supprimir um doitor !

MOREIRA LOPES.



BRAZIL. — Cataractas de Paulo Affonso no Rio de S. Francisco

ACABA DE PUBLICAR-SE:

IDILIOS CHINEZES

POR

LUIZ GUIMARÃES, FILHO

Um volume, edição de luxo, com uma bizarra capa em papel chinez, preço, 500 réis.

A Estação de Paris

REDACTORA

D. GUIOMAR TORREZÃO

Publica-se **pontualissima-
mente** duas vezes por mez.

E' este o melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza, e o unico dirigido e redigido por uma senhora.



Assigna-se e vende-se na Livraria de ANTONIO MARIA PEREIRA — Rua Augusta, 50, 54 — LISBOA.

JA ESTA A VENDA

O ALMANACH

ENCYCLOPEDICO

PARA 1897

(2.º ANNO DE PUBLICAÇÃO)

DIRIGIDO E PREFACIADO POR

EÇA DE QUEIROZ

Este volume, consideravelmente melhor que o do 1.º anno, rivalisa, na abundancia de materias, na sua intelligente disposição, na concisão e clareza com que os assumptos são expostos, no resumo dos principaes successos e descobrimentos scientificos do anno de 1896, na grande somma de conhecimentos e de noções práticas que nos ensina, e finalmente na disposição typographica e nas illustrações, — com os melhores Almanachs que se publicam no estrangeiro: tendo sobre elles a grande superioridade do prologo, do delicioso prologo que EÇA DE QUEIROZ expressamente escreveu e que é uma encantadora obra prima, uma verdadeira maravilha litteraria como só o glorioso auctor do *Crime do Padre Amaro* poderia escrever.

Um volume de 400 paginas,
com muitas gravuras, broch., 500 rs., cart., 600 rs.
Pelo correio mais 50 rs.

Pedidos á Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, Lisboa

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

Branco e Negro



LAVADEIRAS (aguarella de A. MORAES)

PREÇO 40 REIS

N.º 47

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarell, etc.
Illustrações de toaa
a classe de obras.
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do qv. e se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc.

São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se qu'esquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.

METRONOMOS «ECLAIR»

A ultima novidade musical

O uso do Metronomo, tão interessante para o estudo de qualquer obra musical, tem sido relativamente restricto, em causa do seu preço e da complicação do seu machinismo, que a cada momento se deteriora, pondo o aparelho fóra de serviço. No **Metronomo «Eclair»** não ha machinismo, as oscillações são mathematicamente exactas, o que raras vezes se dá nos antigos, e além d'isso é absolutamente silencioso, portatil, elegante e barato.

Preços dos diferentes modelos

Cobre bronzado.....	1\$500 réis	Nickel.....	2\$500 réis
Cobre polido.....	2\$000 »	Electro.....	3\$000 »

Estojos forrados de velludo e setim, proprios para offerecer os metronomos como brinde, réis 1\$200

UNICO DEPOSITO

CASA LAMBERTINI

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 47

LISBOA, 21 DE FEVEREIRO DE 1897

1.º ANNO



... de comer a quem tem fome ...

D'ahi, como era a hora da merenda, e os bichanos caçados de folgança, miavam em volta da banca onde repartiam a merenda, rabos alçados, espinhas arqueadas, e grandes roçares pelas vestimentas, o bebé louro e gordo, prato de leite n'uma das mãos, fatia de pão molle na outra, com chamamentos entaramellados, levou-os para canto afastado e em cima do estrado, onde velho cesto de compras servia de abrigo ás sonecas dos bichanos, começou repartindo a merenda.

... de comer a quem tem fome ...

E o bebé louro e gordo, alma ingenua de creança, dava toda a sua merenda aos bichanos seus amigos, com quem partilhava dos folgares do dia. Nos dias recolhidos no cesto velho nenhum protesto se levanta á demora na dadiva. E' que elles sabem que o seu tempo de serem servidos chegará, que a alma ingenua e boa de bebé com todos partilha os seus beneficios, que a todos estima irmãmente.

NA ROMARIA

(A Domingos Guimarães)

ERA em junho, de manhã cedo. O dia despontava vagaroso, com a preguiça de quem se levanta da cama n'uma manhã de inverno. Havia ainda sombras em todos os ângulos, superfícies banhadas n'uma claridade fraca e vacillante. Ao longe, no oriente, montanhas desenhavam-se, esfumeadas, vagas, indecisas, recortando os seus cabeços agudos e phantásticos no fundo esbatido do céu. E á medida que o firmamento se inundava d'uma luz uniforme e branca, a lua empallidecia e descorava, submergindo-se lentamente n'aquelle oceano de luz.

Era a hora em que desperta a natureza inteira, quando os bois vão para o trabalho, bamboleando-se pachorentamente, e triturando os rebentos tenros das vides; quando o rebanho sóbe a encosta dos montes, guiado pelo som plangente do chocalho e pela voz clara e vibrante do pegureiro; quando os pesados carros de bois chiam na encruzilhada dos caminhos, deixando no ar uma poesia simples e melancolica; era aquella finalmente a hora em que começa a grande vida dos campos, no meio das canções rusticas das ceifeiras e dos gorgeios abemolados das aves.

N'aquelle dia, porém, em casa do Manuel da Veiga, os bois tinham ficado a ruminar tranquillamente no curral, as ovelhas balindo no redil, e o carro guardado debaixo do telheiro. Ainda a estrella d'alva scintillava no alto como um bico de gaz, açoutado pelo vento da noite, quando Manuel e os filhos partiram alegres, cheios de saúde, para a romaria que distava bem, bem, duas leguas. Gottas d'agua cahiam a espaços das arvores que orlavam os caminhos, e nos campos d'ervas rociadas pelo orvalho havia planícies cravejadas de perolas, com scintillações argenteas de prata despolida. Uma brisa cortante como arestas de diamante lapidado insuflava um ar fresco nos pulmões, e fazia agitar brandamente os ramos das arvores. E todos marchavam, uma alegria communicativa esparzida pelos rostos. O Manuel ia soberbo nos seus enormes collarinhos engommados que lhe chegavam até ás orelhas; as filhas, duas guapas mocetonas, com grossos cordões de ouro e lenços multicores traçados sobre os peitos altos e levantados, segredavam uma á outra, no meio de risadinhas seccas e maliciosas, escandalos em que figuravam raparigas conhecidas e rapazes lá do lugar. E adiante o Pombo, um rafeiro que guardava os rebanhos na solidão dos montes, ia e vinha, meneando a cauda festivamente, e fitando no dono os seus olhos inteligentes e vivos.

Pouco a pouco o nascente começou a inflamar-se; á sua luz levemente rosada ao principio, succederam-se uns tons de purpura brilhante, como o clarão avermelhado d'um enorme brazeiro. E aos primeiros raios do sol nascente, que despontava sobranceiro ás montanhas d'alem, enchendo o espaço d'uma luz branca, forte, igual, responderam na terra os trinados dos passaros que despertavam no arvoredo, o zumbido surdo das abelhas, os bandos de borboletas e um chiar rispido e secco de grillos no matto embrenhado das collinas. E enquanto o sol ia absorvendo a humidade fresca e hydrogenada da noite, os da Veiga marchavam sempre, a cara afogueada e coberta de suor, as saias apanhadas até ao joelho, os grandes guarda-soes vermelhos abertos, e o Manuel com a jaqueta aos hombros, os soccos enfiados no varapau, ás costas, como um tropheu.

Estavam cançados já, quando emfim chegaram. Era no cimo do monte, no meio d'uma pequena clareira, que se levantava, modesta e despretenciosa, a pequena capella, que alvejava de longe como um farrapo branco a contrastar com os tons verde-escuro da collina. Grupos de romeiros entravam e sahiam do templo; mulheres de caras tostadas pelo sol dos campos cumpriam promessas, arrastando-se pesadamente, como phocas, de joelhos, em volta da capellita. E o chão juncava-se de espinhas de peixe, e o ar do vozear continuo de toda aquella gente alegre e satisfeita. Fadistas de chapéu ao lado, calças estreitas prenhes de joelheiras, alpargatas de linho com correias transversaes, seu cigarro ao canto da bocca, dois metros de vara de marmelleiro nas unhas, passeavam indolentemente, fitando olhares provocantes nas raparigas, altivas nos seus brincos compridos e nos seus corações d'ouro polido, que tinham reflexos metallicos aos raios do sol coados por entre os ramos verdejantes das arvores. Sob grandes toldos de panno, repousavam, em cima de carros de bois, pipas de vinho, e canecas brancas tiniam sem cessar, passando de mãos para mãos.

O Manuel da Veiga, já muito bebado, o andar vacillante, os olhos de pescada morta, embirrara com um marialva que olhara para a filha mais velha. E de repente, no furor da embriaguez, agarrou-se ao pescoço do outro, tentando provocal-o a uma lucta corpo a corpo. — «Ai, desgraçado que te perdes!» berrou afflicta a mulher, forçando por arrancar-o do contendor, em que se tinha engalfinhado.

La a passar a procissão: lavradores espadados, d'opas vermelhas, o passo magestático, o santo sobre o andor, a musica atraz tocando compassadamente, gente que se ajoelhava na passagem do prestito, foguetes que rebentavam nos ares, enchendo de nodos esbranquiçadas o azul do firmamento.

Uns acudiam curiosos; outros fugiam. Mas a rixa já não era só entre os dois; era uma boa dezena de paus que se erguiam, e abaixavam authomaticamente, fazendo uma sarilhada temível. E a tropa corria pressurosa, correias a tiracollo, bayonetas caladas.

Em pouco tempo tudo ficou limpo dos bulhentos e da immensa mole de gente, deixando a descoberto no meio d'um charco de sangue o cadaver do Manuel, a cabeça rachada de meio a meio, grandes escoriações pelas faces. E mais além outro infeliz, com o hombro quebrado, d'onde corria o sangue em fio, abundante, lentamente.

A noite alongava o seu manto de trevas por sobre a romaria. Tudo debandou com a mesma alcgría da vinda, entre gargalhadas estridentes e canções aldeanas. E na pequena clareira da capella, estendido sobre um feixe de palha, ficou só o corpo inerte, e já frio, do Manuel; perto, a mulher e as filhas ajoelhadas, choravam silenciosamente, e o Pombo, o pobre rafeiro, a cauda sem movimento, a cabeça no chão, fitava no dono os seus olhos agora meigos e doloridos.

João PINTO.



UM NOCTURNO DE CHOPIN

CARTAS A STÉPHANIE

UM CONTO DO NATAL

SIM, minha *charmeuse* : vae esta em fôrma de conto, para que o teu elevado espirito possa dizer-me, com segura base, se eu tenho ou não habilidade para contista. O doce Jesus — abrigo dos humildes e das creancinhas — costumava fallar por meio de parabolâs, na certeza de que o seu Verbo illuminado produziria d'essa fôrma uma impressãõ mais nítida. Tambem o Amor — a eterna creança — gosta de que o embale a Phantasia, apraz-lhe sonhar com visões de azas brancas, com seraphins luminosos que descem das alturas espargindo flôres e que, durante as longas noites de inverno, acodem á cabeceira dos que soffrem, entornando-lhes sobre o seio os seus cabellos de oiro, como uma poeira de estrellas...

*

Era uma vez uma creança loura... — e não somos nós duas creanças, como o deviam ser todos aquelles que se dedicam a amar? — ... Era um pequenito louro, estremecido pelos paes e amando-os quasi tanto como era amado por elles. Todos os annos, na vespera do Natal, o pequeno com uns grandes ares circumspectos e mysteriosos, dirigia-se á cosinha e collocava um dos seus sapatinhos na chaminé, porque ouvira dizer que n'essa noite baixava do céu um anjo, acompanhado por uma fada boa, e vinha presentear com brinquedos e bon-bons os meninos obedientes e estudiosos. Pela manhã, o sapatinho apparecia ornado de flôres, e em torno d'elle avultavam carrinho, arcas de Noé, cartuchos de pastilhas e rebuçados, emfim tudo o que a meiguice dos paes conseguia dispôr alli, variada e brilhantemente.

Um dia, em que o pequenito estudava tranquillo a sua lição, afim de bem merecer do anjo bom quando este baixasse do céu a distribuir as suas dadivas, ouviu que a mãe o chamava com uma voz enternecida, quasi imperceptivel, e correu ao leito, onde ella estava agonizante. Estreitado n'um ultimo abraço, sentiu que o assaltava uma impressãõ desconhecida — como acontece a quem pela primeira vez se encontra a braços com a Dôr — e chorou, quasi incôscientemente, mas prevendo que alguma coisa de fatal se ia dar na sua existencia. Imaginou, porém, que o mesmo anjo que descia do céu para o presentear havia de lhe trazer rémedio para todos os males — até para a sua dôr — e resignou-se... Mas, no dia do Natal, quando pela manhã foi á chaminé examinar o sapatinho, a creança notou que faltavam as flôres... que os brinquedos não eram tantos como nos demais annos... e deteve-se a pensar porque seria que o anjo era agora menos generoso para com elle...

*

Desgraçadamente, o pae não sobreviveu muito tempo á companheira das suas alegrias e infortunios. A mesma fatalidade inexoravel e inexcedivel roubou-o áquella creança, como lhe roubára a mãe. D'essa vez, o pequenito reconheceu que se fazia em torno d'elle uma desolação profunda, e teve medo... Mas o destino, que se compraz muitas vezes em acariciar com um beijo o face d'aquelles que estrangulou, susteve-o ainda, no meio d'esse desmorronar de affectos, concedendo-lhe um refugio á sua tristeza. Dos que o amaram, apenas restava uma creada velha, muito antiga na casa, e a quem todos haviam sempre considerado como uma pessoa de familia; mas essa era verdadeiramente amiga do pequeno, chegando a ter para com elle extremos de mãe. Assim, a creança pôde respirar ainda no seu ermo uma certa atmospherâ de ternura, que nunca — sim, nunca! — teria encontrado a sós com os parentes encarregados da sua educação. Quando chegou o Natal, a pobre velha não esqueceu o sapatinho do seu querido menino, e alta noite lá foi á chaminé confiar-lhe a sua dadiva e enfeitá-lo de flôres, com um carinho perfeitamente maternal. No dia seguinte, o pequenito, graças aos cuidados da sua amiga, conseguiu vêr como outr'ora realisadas as suas esperanças, as suas illusões infantis; e, emquanto elle sorria, no intimo goso de uma vontade satisfeita, a velhinha chorava de enternecimento. A tal ponto que a creança, fitando n'ella os seus grandes olhos azues, disse-lhe, tremula de commoção:

— Porque choras tu, minha boa amiguinha? Quem foi que te fez mal? Não chores, que eu hei de pedir á fada boa e ao meu anjo que te deem muita saude e te façam muito feliz...

— O' meu querido filho! exclamou a pobre mulher, entre soluços. Nada me prendia a este mundo; nada desejava; mas hoje peço tambem a Deus que me deixe viver, para que te não falte o meu amor, meu querido filho!...

E foi assim que todos os annos, na vespera do Natal, aquelle pequenito de olhos azues, continuou a sonhar com cherubins de azas brancas, que desciam do céu alta noite e se debruçavam sobre elle, entornando-lhe no seio os seus cabellos de oiro, como uma chuva de estrellas...

*

Stéphanie! meu dilecto amor! Tu, que baixaste como um anjo de Deus a impedir a ruina da minha fé, tu, que te revês feliz na felicidade que me creaste, emquanto eu me revejo na alegria que te dou, pede ao Senhor dos mundos que nos prolongue a existencia, para que jámais nenhum de nós possa encontrar vazio o meu sapatinho!

NARCISO DE LACERDA.

RECTIFICAÇÃO

Por lapso deixámos de notar que a photogravura: **O Convento de Serem**, que demos n'um dos nossos ultimos numeros, é copia de uma bella photographia do nosso amigo e intelligente alumno da faculdade de direito Manuel de Lacerda Mourão.

LITTERATURA BRAZILEIRA

O CURA

A noite, esparzida de astros, silenciosa e morna, corria triste, sem os rumores dos outros annos, quando era vivo o venerando cura centenario, que fazia despertar a aldeia religiosa com a voz sonora do grande sino e com os repiques festivaes das campanilhas.
Ia passar despercebida a grande hora d'alva redemptora em que Jesus nascia... campos desertos, choças apa-



gadas, eiras emmudecidas, apenas um ou outro camponio saudoso do velho tempo abria a porta da cabana para olhar os muros brancos do presbyterio vasio, ou passava por entre as ramagens, sob o esplendor infinito da noite constellada como o espectro errante da alegria extincta soprando dolentemente a gaita bucolica.

O luar escorria alvo e transparente pelas arvores, tornando de prata a agua lisa de um lago onde o gado aldeão descia a beber. A egreja fechada, alva e resplandecente, era como uma miragem feita da luz mysteriosa do luar tranquillo... mas que differença dos outros annos idos, quando áquella hora as portas escancaravam-se exhalando o aroma santificante dos thurybulos e o campo enchia-se com o clangor dos hymnos do povo, que saudava no berço de palhas do presepe humilde o louro Jesus nascido, entre a vacca e a jumenta, alumiado pela luz astral da grande noite messianica.

Que differença nos outros annos!

Quem tivesse ouvido a palavra tremula do cura narrando, ao fim da missa, diante da crèche, o mysterio de Belem — como nascera de Maria Sempre Virgem, n'um estabulo pauperrimo, para exemplo de simplicidade, Jesus, o Rei dos reis, a Misericordia Suprema, teria saudades vendo essa tristeza e esse silencio.

Nos curraes fechados o gado, adivinhando a lucida madrugada, mugia profundamente.

No ceu purissimo vinha apontando radiosa e branca a estrella da manhã.

Um gallo solitario cantou n'um quintalejo, logo em seguida outros responderam de outros quintaes visinhos e

de herdades distantes, e subito o som profundo e grave do grande sino quebrou o silencio melancolico da noite natalicia e logo irromperam em bimbalhada estridula todas as campanilhas, justamente como nos annos findos, quando era vivo o venerando cura.

Bruscamente abriram-se as portas das choupanas e os camponios attonitos, atemorizados, appareceram nas soleiras, cabeça nua, em leves roupas, com lanternas erguidas, alumiaando o noite.

A porta da igreja francamente aberta deixava vêr o interior resplendente de luz. O panico apoderou-se dos rusticos medrosos e nenhum ousou aventurar um passo, posto que os sinos festivamente continuassem a soar o appello.

Foi um cabreiro quem primeiro fallou no circulo pavido dos rusticos.

— Deve ser alguém da aldeia que faz soar á missa para trazer-nos recordações do cura, para que não passe esquecida a noite de Deus.

Deve ser alguém da aldeia, algum pastor.

Os sinos repicavam a mais e mais e já em frente da igreja havia uma esteira de luz dourada que os cirios espalhavam.

— Se fossemos? propoz o cabreiro encorajando.

Voltaram todos á busca dos gabões e dos cajados e, reunindo-se, sempre com os olhos fitos na igreja illuminada e tintinabulante, foram marchando em grupo cerrado, lentos, timidos, parando de instante a instante, assustados ao minimo ruido.

Ía á frente o cabreiro batendo fortemente com o seu baculo ferrado para animar a turba.

Longe, pelos casaes, ao frescor da madrugada, cantavam mais claramente os gallos matutinos.

Subito um grito surdo atroou no grupo errante. O precursor, o cabreiro que ia á frente caíra de bruços, junto ás escadas da igreja, a cabeça pousada na pedra, como morto. Nem um só homem ousou avançar para acudir-lhe, e só quando o viram erguer com os braços alçados brandindo o cajado rude, vieram approximando-se.

— O cura! O cura! O cura! bradava o cabreiro subindo tremulamente os degraus e os homens que haviam corrido extaticos, parados, balbuciavam com os olhos postos no altar-mór da igreja:

— O cura! O cura que morreu!

Começava a missa de Natal.

Junto ao altar, revestida dos habitos religiosos, estava um velhinho pallido, inclinado sobre o livro dos ritos, as mãos juntas, orando; á sua esquerda, fulgido com um esplendor sideral, um anjo de azas cerradas, ajoelhado, agitava um thurybulo, incensando; outro, á direita, todo n'um grande nimbo de luz, acolytava.

Nada se ouvia. De quando em vez o officiante voltava-se abençoando os camponios — as suas pupilas fulgurantes fascinavam.

A pouco e pouco foi se enchendo o templo — havia montes de cajados junto á porta.

Os anjos passavam de um para outro lado sem tocar o solo, aereamente, n'um adejo subtil.

Finda a cerimonia, a benção do sacerdote caiu sobre todas as cabeças, e elle, lentamente, tremulamente, como nos outros annos, desceu para o meio da turba e, flanqueado pelos anjos, fez a prédica consoladora, narrando o poema da simplicidade — o Natal, paternalmente, com a sua palavra simples e enternecedora.

Por fim, passando pelos grupos, pallido como o luar que ainda alumiaava, ia dando a beijar a mão gelada e viram todos o santo e venerando padre alçar os braços em offertorio; depois voltou se e ficou muito tempo a olhar a aldeia e os campones — e uma lagrima silenciosa desceu-lhe pela face branca. Ajoelhou se curvando a frente e todos imitaram-no.

Quando os camponios levantaram os olhos, os sinos tinham emmudecido no campanario e pelas taboas do templo havia estrias douradas de sol e já nas campinas humidas tilintavam chocalhos de rebanhos.

O cura e os anjos tinham desaparecido.

Entreolharam-se os rusticos e o cabreiro, tomando o baculo, indagou:

— D'onde terá vindo? D'onde terá vindo?

— Do tumulo, de certo... disse uma velha a tremer.

— Do ceu, disse um menino... não ha anjos na terra...

— Não ha anjos no tumulo... disseram todos...

— Mas elle chorou, disse o cabreiro, e não ha lagrimas no ceu...

— Saudades da aldeia, disse alguém no grupo...

E saindo, persignando-se, o cabreiro disse:

— Se ha saudade no ceu bem triste deve ser a vida eterna...

— Bem triste, concluiram todos... e o cabreiro voltando a fallar.

— Bem disse elle antes de expirar que havia de estar sempre connosco, acompanhando nos em nossas dôres e em nossas alegrias... Bem disse elle antes de morrer.

— Foi elle que abençoou Maria, disse uma mulher soluçando. Agora comprehendo... eu bem o vi... eu bem o vi junto do leito da pequenina morta...

— Foi elle que nos rezou a missa de Natal, disse o menino... e o cabreiro insistiu:

— Sempre estará connosco protegendo-nos á nossa meza, á beira do nosso leito, junto da cova em que ficarmos... e a nossa vigilia.

E todos, movidos pelo mesmo sentimento, levantaram para o ceu os olhos agradecidos.

A manhã de Jesus resplandecia.

.....
E eis porque, concluia a velhinha narradora, eis porque não tem cura a igreja de S. José do Monte — o presbyterio é o ceu e o cura é sempre o mesmo que desce em espirito para abençoar as almas e as campinas.

VIAGENS NO PAIZ

(XX)

PONTE DO LIMA

É sem duvida, a mais pittoresca e a mais commercial villa do nosso Minho. As margens do rio, que á villa deu o nome, são encantadoras, merecendo que poetas e prosadores illustres d'ellas tenham fallado.

Graças aos esforços e dedicação de cidadãos prestantes, em que se extremam os *brazileiros* filhos d'esta terra, tem a villa, nos ultimos annos, progredido bastante no alargamento das suas ruas, na transformação de outras e na construcção de magnificos predios.



C. Branco & Albernaz. It.

PONTE DO LIMA —Largo de Camões

As nossas photogravuras, representando o largo Camões e o do dr. Antonio de Magalhães, servirão de confronto a outras, que esperamos publicar brevemente, em que se notarão os melhoramentos realisados n'aquelles locaes.

O largo Camões está concluido; o do dr. Antonio de Magalhães (antigo largo do Chafariz ou de Regeneração) está muito melhorado e vae ser completamente transformado, mudando-se para outro local o chafariz; a rua do Pinheiro está muito melhorada; a do Arrabalde está outra pela edificacção de magnificos predios; o largo da Rainha, onde está situado o tribunal judicial, está ajardinado, tendo sido demolidos uns predios velhos para no mesmo local se edificarem as casas destinadas ás escolas; a igreja da Lapa reformada; a rua do Rosario, já muito melhorada, vae ser alargada, estando já demolido a capella e contractado o córte da casa Pereira Guimarães; o passeio D. Fernando arborizado de novo, e finalmente planeada a construcção de um novo

hospital, que se realisar se os nossos *brazileiros*, portuguezes por nascimento e coração, [continuarem a dispensar o seu auxilio, sem o qual será impossivel a realização de tal obra.

Muitos outros melhoramentos attestam que a graciosa villa do Minho não tem ficado estacionaria e que continuá a realisar melhoramentos que a tornem digna de ser visitada.

Possue a villa um hospital da Misericordia, fundação do Marquez de Ponte de Lima, um asylo para educação de creanças (asylo D. Maria Pia) fundado, se não nos enganamos, em 1879, sendo os principaes iniciadores o benemerito dr. Antonio de Magalhães e João da Cunha



PONTE DO LIMA — Capella de S. João

Nogueira, ambos já fallecidos. O asylo de invalidos Camões, fundado em 1882 por iniciativa do dr. Joaquim Gerardo Alvares Vieira Lisboa, dr. Antonio Ignacio Pereira de Freitas, Miguel Roque dos Reis Lemos, dr. José Joaquim de Castro Feijo e outros. O asylo de Nossa Senhora da Conceição, estabelecido no palacete do finado Agostinho José Taveira, e legado por este, para recolhimento dos pobres impossibilitados de trabalhar.

Agostinho José Taveira foi um benemerito, e a sua memoria ficará immorredoura pelo instituto de caridade que deixou erigido. À rua que corre paralela ao palacete deu a camara o nome do benemerito limarense.

Possue um novo theatro, *Diogo Bernardes*, inaugurado em novembro passado, propriedade de uma sociedade anonyma, de que  principal accionista um dos mais dedicados e devotados filhos d'esta terra, o sr. João Rodrigues de Moraes. Uma escola pratica de agricultura, fundada por iniciativa de Manuel do Carmo Rodrigues de Moraes, outro limarense illustre, funcionario distincto e modesto. Uma corporação de bombeiros voluntarios, na qual ainda a familia Moraes tem attestado a sua valia e o seu amor pela terra que lhe foi berço.

*

As festas que annualmente se realisam no S. João são das mais importantes do Minho, e a esta villa attrahem grande quantidade de visitantes.

A nossa photogravura representa a capella de S. João, para a construcção da qual muito concorreu um *brazileiro* limarense, sr. João Ignacio da Cunha e Sousa.

*

Outra das nossas photogravuras representa o mercado de gado, que quinzenalmente aqui se realisa e é o mais importante do Minho.

*

Ponte de Lima orgulha-se de ser patria de muitos homens illustres, entre os quaes, Diogo



PONTE DO LIMA — Largo do Dr. Antonio de Magalhães

Bernardes, o Cardeal Saraiva, Marquez de Ponte de Lima, Boaventura José Vieira, Lourenço de Carvalho, Condes da Aurora, dr. Antonio de Magalhães e tantos outros que de si deixaram honrada memoria. Entre os contemporaneos citaremos o general Calheiros, Conde de Bretiandos, desembargadores Simplicio e Lisboa, dr. Antonio e José Feijó e muitos outros que no ultramar honram a magistratura a que pertencem.

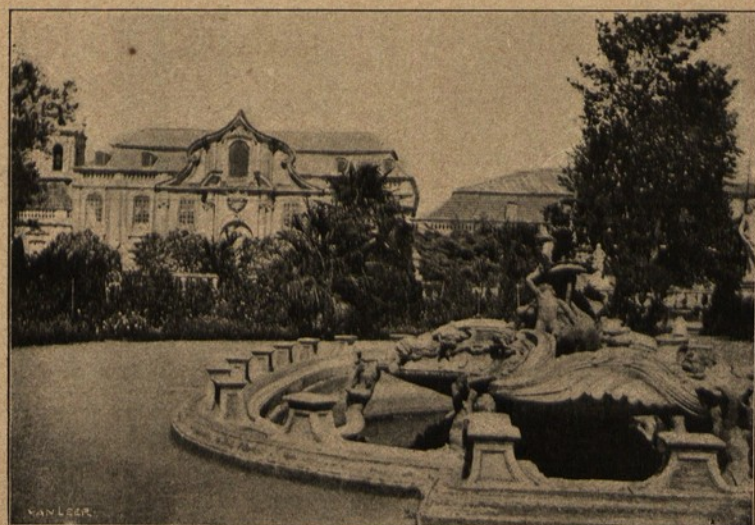
Na pleiade dos que mais teem concorrido para o actual desenvolvimento da villa, notaremos os srs. dr. Lisboa, dr. Freitas, Conde de Calheiros, Francisco Antonio da Cunha Magalhães, José de Abreu Pereira Coutinho, Manuel do Carmo Rodrigues de Moraes e João Rodrigues de



PONTE DO LIMA — Feira de gado

Moraes. É possível que commettamos alguma omissão, que esperamos nos seja relevada. Não estabelecemos ordem de primazias, citamos ao acaso, deixando propositadamente para o final o nome do sr. João Rodrigues de Moraes, que consideramos um benemerito e de quem publicaremos brevemente o retrato, que até agora não nos tem sido facil obter.

DELFIN GUIMARÃES.



QUELUZ — O Jardim do Palacio

“IDYLLIOS CHINEZES,,

POR

LUIZ GUIMARÃES, FILHO

O moço poeta e nosso amigo Luiz Guimarães, Filho, vem de publicar mais um livro de versos onde, melhormente que nos outros, o seu temperamento de cinzelador se accentua. Como essas puras e gemebundas balladas de Mitson-Né, de Tissato, de Ligné-Youki, transportadas para verso francez por Judith Gauthier, como esse lapidar *Cancioneiro* de Antonio Feijó, os *Idyllios Chinezes* cantam o pé diminuto das imperatrizes, as exóticas payzagens neve e azul cortadas por vãos de cegonha e de libellula, com florações roseas, aguas adormecidas e claras e atmosferas puras e vibrantes como um crystal.

A' natureza artistica de Luiz Guimarães, Filho, herdeiro do nome glorioso do bem amado lyric e do esculptural marmorista dos *Sonetos e Rimas*, quadra bem o thema para versos que n'este livro se desenvolve. A China com os seus pavilhões de jade e os seus kiosques de laca e oiro, os seus jardins esmaltados da flôr de pecegheiro, os bandos de faisões prateados levando-se das margens dos seus rios tranquilllos, os poentes doces dos seus céos e a miniatura gracil das suas mulheres perpassa com encanto atravez as paginas do volume, do qual, ao acaso, recortamos as seguintes composições:



NAVEGANDO NO RIO AMARELLO

Irei cantando tristes versos raros
Sobre o Rio Amarello a navegar,
Emquanto as nuvens, como cysnes claros,
Fluctuam docemente no luar.

Os esguios bambús enfileirados
Nas margens d'oiro das tranquilllas agoas,
Inclinam-se tambem muito espantados
Escutando as canções das minhas magoas.

Mas sentada á janella do Nordeste,
Aquella a quem adoro e que me adora,
Emquanto escuta a minha flauta agreste
Sobre o setim do seu bordado chora.

E o luar que atravessa os transparentes
D'essa janella, carinhoso e leve,
Transforma as suas lagrimas ardentes,
Em successivas perolas de neve.

A LEMBRANÇA DA DESPEDIDA

O cavalleiro estaca em frente á grade
Do jardim das accacias, onde mora
A pallida donzella que elle adora,
No embalsamado pavilhão de jade.

Da Lua á radiosa claridade,
Como o passaro Ling, sem demora,
Ella assoma á janella de onde implora
Ao bello amante a prova de amizade :

— Vais partir .. que lembrança me confias,
Para eu soffrer os tormentosos dias,
Que sem ti, meu guerreiro, vou passar ?

— Dou-te um manto de prata resplendente,
Que os meus olhos verão constantemente,
Adeus !... adeus !... eu dou-te este luar !

O PENSAMENTO DA NOIVA

De bellas sedas pallidas vestida,
A janella do grande pavilhão,
A noiva agita o leque de charão,
Cerrando os olhos meia adormecida...

Então, levado pela brisa ardente,
Um par de borboletas amarellas
Vem pousar sobre o jade das janellas,
Num noivado feliz e eloquente...

E essa mulher, mais alva que os marfins
Do resplendente sceptro imperial,
Sente os seus pés de limpido crystal,
— Moldados aos antigos borzeguins —

Não poderem leval a além do outeiro,
Onde se lucta ao grito das trombetas,
Para viver nos braços do guerreiro,
Como o doirado par de borboletas...



LISBOA — O jardim de S. Pedro de Alcantara

Mulheres Bonitas



A prima-donna Ernestina Schumann-Heinz



A prima-donna Thereza Garreño

FRAGMENTO D'UMA CARTA.

«Vivo aqui neste ermo agreste
Entre passaros e rosas,
Beijando as letras graciosas
Da carta que me escreveste.

«Quando é madrugada, saio
Pelos campos orvalhados
A encher os pulmões cançados
Com toda a seiva de Maio.

«E as aves, pelas ramadas,
Communicam-me á alma, rosa,
A alegria contagiosa
De umas limpidas risadas.

«E espero poder em breve
— Sadio, intrepido, forte —
Minha existencia depor-te
Nessas mãosinhas de neve...»

«Não trouxe livros : apenas
Leio, encantada chimera,
O poema da primavera
Nas folhas das assucenas.

«A orchestra dos passarinhos
Me extasia e me embebeda,
Em vez de Húgo e de Espronceda
Ouço as estrophes dos ninhos.

«Volta-me o sangue... A alegria
Brotta em meu peito doente
Como um lirio alvinitente
Numa caveira sombria ;

«IMPRESSIONISTAS»

POR

JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO

EDITADO pela casa Antonio Maria Pereira, publicou o sr. José Augusto de Castro um livro de prosa intitulado *Impressionistas*. Puro livro de arte, o auctor, um homem de talento e de sentimento, quiz para elle trasladar todas as impressões que ao seu temperamento essencialmente artistico e nevrotico produzia a influencia de factos, de acontecimentos, de sensações n'um determinado momento psychologico do seu espirito. E', em summa, um livro delicado e fino feito para as almas doces e ingenuas, ás quaes elle transmite todas as vibrações do seu coração sensível.

Assim, pois, como o proprio auctor confessa, nas *Duas palavras* de que antecede a sua obra, palavras que bem compendiam todo o espirito do livro, é este feito de impressões diversas, em diversos momentos sentidas, puramente individual, paginas escriptas sem preocupações de escolas, de meios, de tons.

No meio do abandalhamento geral em que as questões politicas teem envolvido tudo e todos, no meio d'esta epoca de utilitarismo e egoismo extremo, é consolador vêr que, homens, pairando nas regiões ethereas do azul, elevando-se pelo seu sentir e pela delicadeza do seu temperamento acima das paixões humanas, — tão ignobeis e tão vis ás vezes — conseguem, pelo culto espiritual da arte, lançar em nossas almas o balsamo suavissimo e refrigerante dos sentimentos puros e ideaes.

D'esse livro, cuja apparição tão festejada foi pela imprensa periodica do paiz destacámos um dos capitulos, á sorte, porque todos são egualmente encantadores, e por elle avaliará o leitor da justiça das nossas palavras.

HENRIQUE MARQUES.



O BEIJO SANGRENTO

Quatro ethiopes, de mantos de seda finissima guarnecidos a ouro, pés descalços, conduziam o palanquim onde se destacava o vulto do sultão.

Em volta, os nobres da comitiva caminhavam a pé, compassando o andar ao som dos anafis, e no meio de duas filas de nomadas armados de compridas lanças reluzentes, sobressahiam Selih, filho do sultão, altivo mas triste, e Alamina, a favorita criminoso.

Chegados a uma clareira de areia branca, á luz da lua que descia melancolicamente sobre a vasta campina dando-lhe uns tons suavissimos, pararam.

Os quatro ethiopes descançaram vagarosamente o palanquim e toda a comitiva afastou-se um pouco formando um semi-circulo e ficando as lanças na planicie.

O sultão fumava, emquanto na sua frente, de mantos atirados sobre os hombros, braços nús, morenos, adornados com voltas de metal reluzente, balançava-se n'uma cadencia amacabrada um bando de captivas, que o sultão fizera sahir do seu harem para assistirem ao fim que elle lhes destinava, se seguissem o exemplo de Alamina.

A um signal do sultão ficou tudo silencioso!

No ceu, muito azul, o luar resplandecia, uma aragem mandragora, e do lado do Nascente viam se atravessando o horizonte os cimos das pyramides.

«Ouvi» — disse o sultão com a voz tremente de desespero — «approximae os delinquentes.»

A guarda fez approximar Selih, e Alamina que tremia.

«As testemunhas» bradou o sultão.

Quatro homens sahiram das filas, de braços estendidos untos á cabeça, curvos, de olhar em terra e ajoelharam.

«Falae!»

— A' meia-noite, vigiavamos em torno do harem, quando ouvimos um ruido estranho.

Encaminhando-nos para o logar d'onde partira o ruido, um vulto branco de mulher saltava uma janella, aproveitando-se talvez d'um descuido do eunucho pouco vigilante e lançara-se nos braços de um homem que reconhecemos ser Salih!... a mulher era Alamina.

«Basta», gritou o sultão, rouco de colera. «Basta!»

«Ides ver a minha vingança! Salih — calcaste as leis e faltaste-me ao respeito, atrevendo-te a beijar a mulher que me pertence. Perdão te porque és meu filho, porque és sangue de meu sangue, mas nunca mais os teus labios poisarão n'uns labios de mulher.»

Salih estremeceu, ergueu a fronte e o seu olhar cravou se no olhar do sultão.

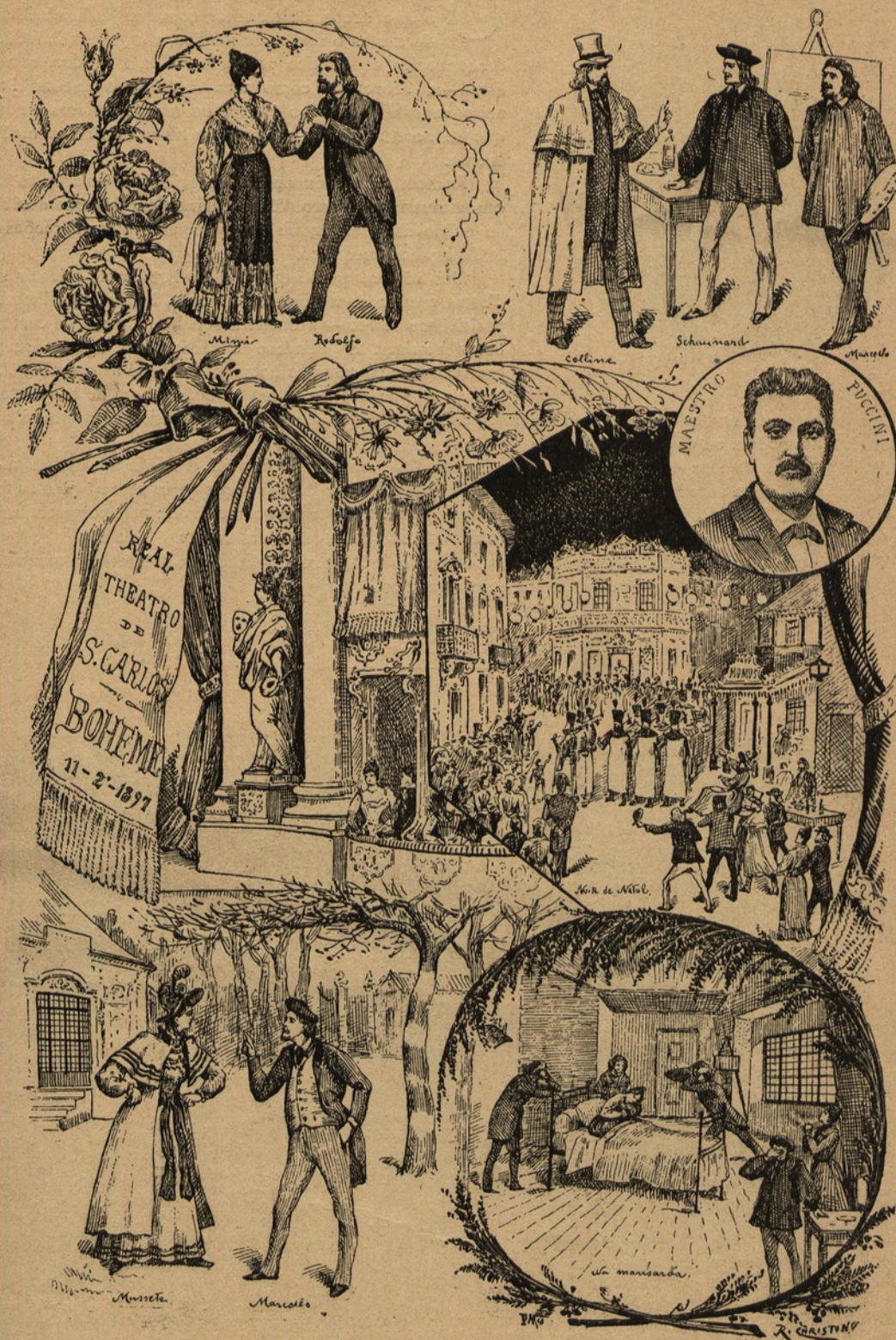
Este continuou: «Alamina, porém morrerá para que outra de minhas escolhidas não ouse ultrajar-me!...» e apontando a guarda: «Cumprí o vosso dever.»

A guarda desembainhou os alfanges e aproximou-se de Alamina, tremula e impassivel... Salih ergue o olhar porejando sangue, e louco de raiva e desespero, bradou: «Não quero o vosso perdão! Eu e Alamina juramos no altar de Allah amar-nos eternamente, o seu coração e o meu são um só coração, vivemos da mesma vida, morreremos da mesma morte.» E ligeiro, emquanto o sultão o olhava espantado, arrancou do cinto de ouro o yatagan e alçando o braço forte, enterrou-o no peito ao tempo que outro se enterrava no de Alamina!

Offegante, jorrando sangue a larga ferida, Salih caminhou para a amante e ambos cahiram mortos collando os labios n'um ultimo beijo!

José Augusto de Castro.

OS THEATROS



«A nova opera BOHÈME, de Paccini, no theatro de S. Carlos de Lisboa»

Dr. Eduardo de Sousa



O dr. Eduardo de Sousa, cujo medalhão apresentamos hoje e que acaba de terminar com uma defesa brilhantíssima de theses o seu curso medico, não é uma individualidade desconhecida do publico portuguez. Como orador, como jornalista, — e sobretudo como uma das figuras que no 31 de Janeiro se salientaram no Porto, os nossos leitores de ha muito que se acostumaram a conhecer o nome do illustre medico portuense.

Homem de physionomia e coração peninsulares, mexendo-se com entusiasmo dentro d'uma ideia, o dr. Eduardo de Sousa tem no brilho das suas lunetas de myope as pallidas faiscações do seu allo espirito irrequieto.

Mas não se pense que o novo homem de sciencia seja uma d'estas creaturas intelligentes e seccas, logicas, orgulhosas do seu positivismo ferreo — á maneira subalterna e rija de certos operadores bestiaes. E' bondoso e terno, sem aquelle scepticismo egoista que enxovalha os homens. Conhece as questões d'Arte, interessa-se por ellas, e o seu coração saberá de cór certos versos

de Campoamor, na amorosa ironia do hespanhol, como a sua alma decerto se impressionará deante d'um fresco immortal, d'um poema ou d'um sonho.

As impressões da vida e dos homens não verteram n'elle um envenenado fel. E' ainda um optimista — talvez dos poucos para quem a colheita de infortunios não é capaz de toldar-lhe nos baços horizontes o brilho da felicidade e dos triumphos. Não é o *Fey* dos escossezes, correndo para a desgraça irremediavel; pelo contrario, atravez da vida humana (e talvez sem cuidar da vida divina) o dr. Eduardo de Sousa é um crente.

Tendo, portanto um logar na vida portugueza, o *Branco e Negro*, publicando o seu retrato, manifesta assim a sympathia que lhe merece o illustre escriptor e novo medico.



OLHOS SOMBRIOS

ACABA DE PUBLICAR-SE:

IDILIOS CHINEZES

POR

LUIZ GUIMARÃES, FILHO

Um volume, edição de luxo, com uma bizarra capa em papel chinez, preço, 500 réis.

A Estação de Paris

REDACTORA

D. GUIOMAR TORREZÃO



Publica-se **pontualissimamente** duas vezes por mez.

E' este o melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza, e o unico dirigido e redigido por uma senhora.

Assigna-se e vende-se na Livraria de ANTONIO MARIA PEREIRA — Rua Augusta, 50, 54 — LISBOA.

JA ESTA A VENDA

O ALMANACH

ENCYCLOPEDICO

PARA 1897

(2.º ANNO DE PUBLICAÇÃO)

DIRIGIDO E PREFACIADO POR

EÇA DE QUEIROZ

Este volume, consideravelmente melhor que o do 1.º anno, rivalisa, na abundancia de materias, na sua intelligente disposição, na concisão e clareza com que os assumptos são expostos, no resumo dos principaes successos e descobrimentos scientificos do anno de 1896, na grande somma de conhecimentos e de noções práticas que nos ensina, e finalmente na disposição typographica e nas illustrações, — com os melhores Almanachs que se publicam no estrangeiro: tendo sobre elles a grande superioridade do prologo, do delicioso prologo que EÇA DE QUEIROZ expressamente escreveu e que é uma encantadora obra prima, uma verdadeira maravilha litteraria como só o glorioso auctor do *Crime do Padre Amaro* poderia escrever.

Um volume de 400 paginas,
com muitas gravuras, broch., 500 rs., cart., 600 rs.,
Pelo correio mais 50 rs.

Pedidos á Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, Lisboa

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

Branco e Negro



O CARNAVAL, desenho allegorico de Leal da Camara

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Lenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarell , etc.
Illustrações de toaa
a classe de obras.
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do qv. e se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimento de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quæquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.

METRONOMOS «ECLAIR»

A ultima novidade musical

O uso do Metronomo, tão interessante para o estudo de qualquer obra musical, tem sido relativamente restricto, em causa do seu preço e da complicação do seu machinismo, que a cada momento se deteriora, pondo o apparelho fóra de serviço. No **Metronomo «Eclair»** não ha machinismo, as oscillações são mathematicamente exactas, o que raras vezes se dá nos antigos, e além d'isso é absolutamente silencioso, portatil, elegante e barato.

Preços dos diferentes modelos

Cobre bronzeado.....	1\$500 réis	Nickel.....	2\$500 réis
Cobre polido.....	2\$000 »	Electro.....	3\$000 »

Estojos forrados de velludo e setim, proprios para offerecer os metronomos como brinde, réis 1\$200

UNICO DEPOSITO

CASA LAMBERTINI

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 48

LISBOA, 28 DE FEVEREIRO DE 1897

1.º ANNO

CARNAVAL DE 1897

COMO SE FAZEM AS MASCARAS

É de cento e cincoenta o numero das operarias francezas que vivem do mister de fazer mascarar. Estas artistas produzem cerca de 1 milhão a 1.200:000 mascarar, que podem valer 150:000 francos.

Pobres artistas! não fazem grandes lucros. Felizmente para ellas, o trabalho concentrado n'um diminuto numero de casas, das quaes só uma, a casa Moncharmont, tem uma verdadeira importancia, é regular do principio ao fim do anno. Quando muito, o trabalho affrouxa um pouco nos maus dias de inverno, quando os dedos regelados pelo frio se recusam a manejar a massa de que as trabalhadoras teem sempre as mãos cheias. E depois ha compensações, porque a aprendizagem não é custosa. Em oito dias, uma aprendiz mediocre e medianamente esperta, chega a conhecer os elementos da profissão.

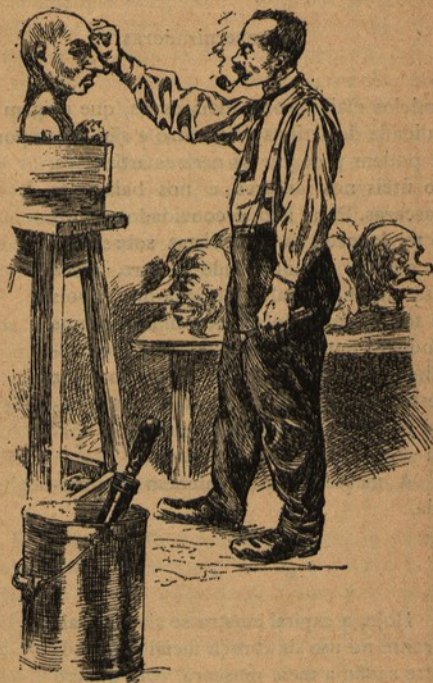
Na realidade, a criação dos modelos é que exige uma parte de invenção. Penetremos, pois, no atelier de um d'esses petrificadores de carantonhas. O mestre está rodeiado de figuras que lhe dão o prototypo de cada expressão, — as expressões simples, o medo, o espanto, a alegria, a compaixão, etc. Impossivel o trabalho *d'après-nature*, por causa do amor proprio dos modelos ou da difficuldade que haveria em fazer conservar a um rosto vivo uma expressão fugitiva durante horas consecutivas de *pose*. O escultor trabalha, pois, de memoria ou de imaginação. Depois de ter moldado o seu barro em alto-relevo, dispõe a sua meia-cabeça n'um plano vertical e deforma ou exagera as feições, segundo a inspiração da sua fantasia. A esta põe a lingua de fóra, áquella augmenta desmedidamente o nariz: esta face humana assemelha-se-ha a um animal, esta face animal fraternisar-se-ha com a humanidade; o todo está em encontrar alguma coisa de novo, e a coisa não é muito facil.

N'outro tempo, os especialistas tinham um recurso de que abusavam prodigamente: a serie politica. Em cada fim d'anno, o escultor rodeiava-se de photographias de personagens que tivessem desempenhado, nos doze mezes precedentes, um papel nas preocupações populares; reproduzia as suas feições, a principio o mais exactamente possivel, degenerando-as depois em caricatura n'uma ultima demão bem applicada. As cabeças respectivas do general Boulanger e de Rochefort foram as mais exploradas. Mas como as susceptibilidades da policia accordaram, as series politicas desapareceram.

Terminados os modelos, tira-se um certo numero de moldes cavados, que são entregues ás operarias.

Cada uma d'ellas tem diante de si um grande numero de modelos differentes, em geral doze duzias, cuja difficuldade varia, para que a tarefa seja equitativamente repartida entre as trabalhadoras. Effectivamente, como o trabalho é sempre pago ás peças, tem de se levar em conta que certas privelegiadas não monopolisem os moldes simples, o que lhes permitiria dobrar os seus salarios em detrimento das companheiras mais desprotegidas.

Feita esta repartição pelos cuidados da contramestra, eis as operarias trabalhando. Ao lado d'ellas ha uma pilha de folhas de cartão mais ou menos grosso, segundo a qualidade do objecto a obter, mas todas ensogadas em agua e absolutamente molles. Como a folha não apresenta nenhuma resistencia, adapta-se facilmente em todas as



O escultor



As envernizadoras

modelos mais raros e mais caros, que exigem armaduras de ferro ou combinações mechanicas, entram na especialidade de artigos de theatro e são feitos por outros fabricantes. Todavia, é na officina dos narizes postiços que se podem procurar os narizes artificiaes, tão uteis nos jantares e nos bailes de mascarar. Para isto, o convidado, depois de ter lançado as suas vistas sobre esta ou aquella personalidade illustre, vae a casa do industrial e designa-lhe, depois de ter examinado as dez mil mascarar modelos, quaes são as que contém os detalhes do rosto desejado. Tira-se o nariz d'esta e a bocca d'aquella, a orelha d'outra, e d'estes elementos dispartados forma-se o retrato que se quer.

A mascara faz-se tambem por medida.

*
* * *

Hoje, a capital mostra-se ainda recalcitrante no uso da caraça facial; não admite senão a meia-mascara, com queixo articulado por meio de uma borracha, ou dá mais preferencia aos narizes postiços. Este feliz appendice, quando é bem escolhido e sufficientemente conforme ao genero de belleza do comprador, transforma por si as feições. Para que, pois, abafar por traz de uma muralha de papelão? Assim se pensa em Paris e nos departamentos do Norte. Mas o Meio-dia é de uma outra opinião. Elle entende que deve, nos dias de Carnaval, conservar o incognito do modo mais impenetravel e consome para este fim, um grande numero de mascarar inteiras. Ha-as, de resto, para todos os gostos e para todas as bolsas, desde 700 réis a groza ate 12.000 réis a duzia, isto é, desde 10 réis até 1.000 réis.

sinuosidades do molde; mas rasga-se, pelo contrario, com bastante facilidade, sendo então preciso tapar os buracos e os rasgões com bocados bem dispostos e pegados com colla, pequenos pedaços de cartão que não deverão vêr-se na mascara já secca.

A' medida que o trabalho se vae executando, a operaria dispõe os seus moldes em estantes. Ao cabo de algumas horas a mascara está sufficientemente secca para se tirar do molde; sendo preciso, em caso de pressa, a dessecação faz-se por meio de estufa.

A media da produção varia entre doze e dezoito mascarar por hora, e o dia de trabalho é de dez horas.

Este labor é, como se vê, bastante monotono. Torna-se ainda mais pelo facto da especialisação n'esta ou n'aquella parte do mister para augmentar a rapidez da execução. E' assim que para os narizes postiços e as meias mascarar, uma operaria fará do principio ao fim do anno, os narizes chatos ou os queixos de rebecca.

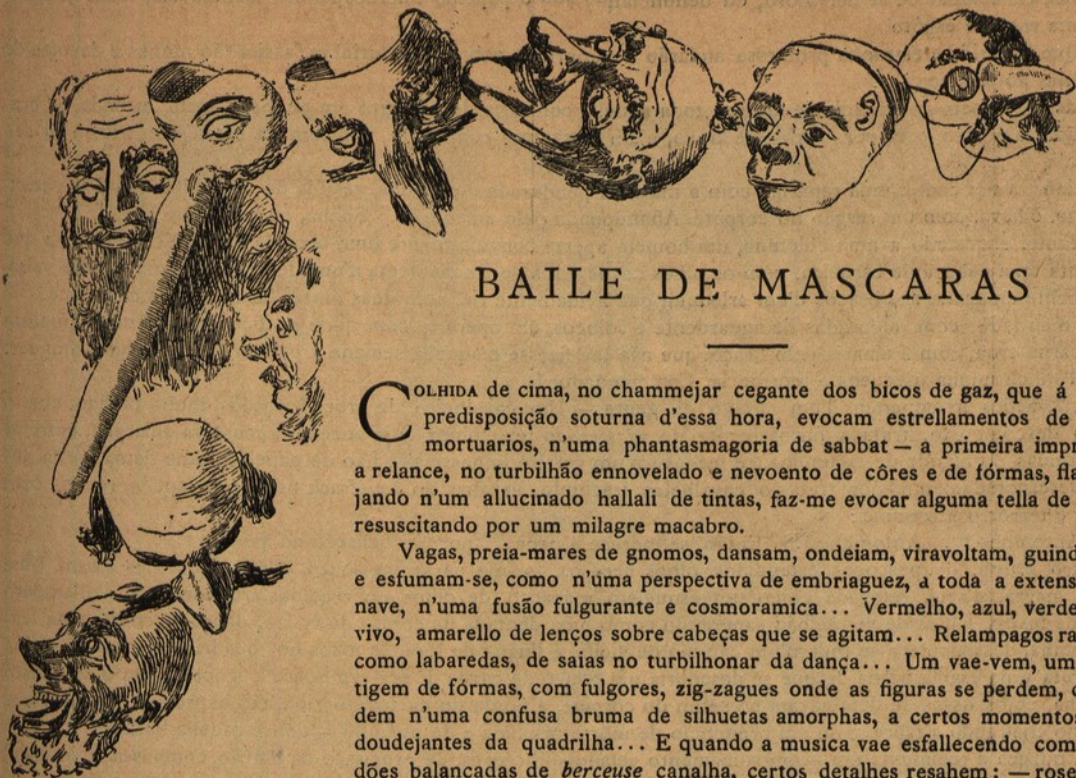
Mas eis as novas mascarar dispostas em lotes. Todas as noites, outras operarias vão buscar uma carregação d'ellas. As envernizadoras operam a maior parte das vezes em suas proprias casas. Duas ou tres escovas, alguns vasos de côres elementares formam todo o seu arsenal, e como não pintam miniaturas, a pintura dos narizes vae depressa.

Só resta agora entregar as peças escolhidas aos artistas capillares, que dão a ultima demão.

Pára aqui a genesis da mascara propriamente dita. Os



As estampadoras



BAILE DE MASCARAS

COLHIDA de cima, no chammejar cegante dos bicos de gaz, que á minha predisposição soturna d'essa hora, evocam estrellamentos de cirios mortuarios, n'uma phantasmagoria de sabbat — a primeira impressão, a relance, no turbilhão enovelado e nevoento de côres e de fórmas, flammejando n'um allucinado hallali de tintas, faz-me evocar alguma tella de Goya, resuscitando por um milagre macabro.

Vagas, preia-mares de gnomos, dansam, ondeiam, viravoltam, guindam-se e esfumam-se, como n'uma perspectiva de embriaguez, a toda a extensão da nave, n'uma fusão fulgurante e cosmoramica... Vermelho, azul, verde, rosa vivo, amarelo de lenços sobre cabeças que se agitam... Relampagos rapidos, como labaredas, de saias no turbilhonar da dança... Um vae-vem, uma vertigem de fórmas, com fulgores, zig-zagues onde as figuras se perdem, diffundem n'uma confusa bruma de silhuetas amorphas, a certos momentos mais doudejantes da quadrilha... E quando a musica vae esfallecendo com lentições balançaças de *berceuse* canalha, certos detalhes resahem; — roseos de faces transparentes; meias-luas verdes de *loupes* que apparecem, desapare-

cem; chignons de mulheres, picados de phosphoros de pedrarias falsas; camelias vermelhas n'uma nuca de mulher que se verga sobre a espadua do homem, a concha da orelha sob o convite de meio-bife e os beijos que lh'a mordem; retalhos de tulle, como retalhos de nuvem; carne mate de seios descobertos; o colar branco d'um braço nú na negrura de velludo d'um dominó; e cambraias de lenços — como flocos de espuma por sobre todo este revolto mar de côres.

Mas depois, quando já mais aclimado o olhar detalha, e recobrada a limpidez da analyse, desço para entre os empurrões da dansa, todo o pictural e todo o pittoresco bariolado do quadro se esmancha e desbota.

No longo e largo espaço, entre fleiras de cabeças baças e attonitas, empurra-se e piza-se, piáfa uma turba-multa de pares em costumes esfrangalhados, leprosos, lugubres, sem faisca de comico, imprevisto, blague ou phantasia. Sob mascarar anodinas, sob caraças glabras de papelão, — amarellidões de pelle suada, pescoços encardidos, com chagas de escrofulas, d'onde o pó d'arroz voou: travestis de todas as côres, de todas as agonias de côres, tão coçados que os direis mortalhas que amortalharam gerações de mendigos, com nodoas de cebo e fitas rôxas, mascarando creadas de servir e barbeiros.

Velludillo e cartão, lata e verdete, sob uma ruiva atmosphaera, fedendo a bafio, a gordura rançosa, a ammoniac e a sovaco de mulher, e um nauseante cheiro de iodoformio, como n'uma enfermaria. Em toda a nave, acremente saturada de poeira que as danças erguem a arrussar as borboletas de luz dos bicos de gaz, uma pestilencial exhalação de carne suja e de podridão de doenças secretas, que o farrapo e o vermelhão mal disfarçam em toda essa multidão que tenta espancar n'uma ancia febril de esquecimento, aos pulos de polkas, a obsessão da miseria, do trabalho d'amanhã, da falcatrua d'hontem, da casa de penhores, das boccas em casa, a ganirem de fome...

E nem uma nota alada, relampago de belleza, de graça nas mulheres, nem um pequeno focinhito roseo que detenha o olhar e o seduza! Boccas de enfado, cerradas; dentes podres que amarellam a flôr murcha do sorriso; collos de muares, pendendo, moidos, como se viessem de aleitar um rôr de filhos ou de resaciar os vicios d'um regimento; méchas de cabello, riçadas, empastadas, assucaradas de brilhantina, sobre testasinhas deprimidas de costureiras de ar abatido, alcachinadas como trouxas de roupa suja, de quadris cahidos, com luvas brancas e meias porcas, sem a vida desabrochante de uma fresca gargalhada de gaiata, sequer d'uma rutila obscenidade, a escorrer de pittoresco canalha, todas compenetradas e honestas nos seus tafetás de saboyanas, mudas, enfadadas e enfadando, a olharem com olhos parvos, atravez de *loupes* verdes ou pretas. Caixeiros de modas em d'Artagnans, — fêmeas de viella em princezas do operetta, com a fralda á mostra e sapatos cambados, — operarios em chechés e em lavradores de S. Cosme, acenando com o arado a janotas, que passeiam o seu thedio, mascarados de janotas — parteiras, de tyrolezas — engommadeiras, de sevilhanas — burguezas casadas e nostalgicas, com os trajes de lavradeiras das amas dos meninos, pelo braço dos cunhados, *vis-à-vis* dos esposos arrastando sob um dominó de chita as panças hydropicas e libertinas de financeiros, um pagode, em pós das creadas, em pastorinhas de bucolica, com raminhos de violetas no rego dos seios.

E n'esta procissão morna e bizonha, de fantoches funebres, sem jovialidade e sem uma bofetada, sómente abrindo a bocca para bocejar, todas as mulheres me parecem velhas e anãs: — meio metro de pernas tortas, e logo em seguida, quasi insexuaes, de tronco escorrido e sem collo, disformes como se tivessem os seios ao fundo

das costas, cabecinhas de ar herviboro, ou denunciando sob o papelão microcephalias lastimaveis, todas as miserias d'uma raça de esgôto.

— Que dolorida e estranha promessa andarão a cumprir as pobres creaturinhas, assim tão monas e devotas de camandulas ao pescoço ?...

Lá ás vèzes, sem apparencia de motivo, toda aquella confraria de defuntos em pé, pára, grita, estende os braços, levanta o queixo, para vêr — mas de novo, n'um desanimo ruminante, cambam na catalepsia triste do seu enfado.

Sósinha, a um canto, uma rapariga com a mascara pendurada dos dedos, vestida de seguidilha, sentada, pensativamente, olhava, com um rasgão no corpete. Abandonada pelo amante ?... Sonha, ou tem fome ?...

Adeante, encostado a uma columna, um homem aperta convulsamente uma bengala de castão de marfim que representa uma cabeça de carneiro, com os olhos cavos, fitos de ira ciumenta n'uma femea que pulava uma valsa, furiosamente enlaçada nos braços d'um arlequim que lividamente ria, com duas pintas de copas em cada face.

Ao meu lado, com baforadas de aguardente e soluços, um operario com nariz postiço, pedia a um capitalista côr de carne crua, com a amazia pelo braço, que não lhe fizesse n'aquella semana a penhora na possilga d'aluguer:

— Tenhoa minha pequena a morrer, sr. Commendador !...

Vociferações irromperam d'um circulo de gente. — Um cavalheiro de crocs irriçados, muito pallido, com o plastron descomposto, tratava furiosamente de *malcreado* um chinez, cuja bocca, na mascara amarella, entre as guias cahidas do bigode de escumilha, se fechava n'um sorriso impassivel e fixo de papelão. Uma dama gorda puchava desesperadamente, por traz do cavalheiro iracundo, as abas do seu frack florido na lapella, repetia com emoção e terror o seu nome :

— Antoninho !... Antoninho !... Então, se merece a pena... por um beliscão no assento !...

Outro grupo, de pescoços estendidos, olhos accesos, faz-me parar um pouco, olhar o que elles olham. Uma rameira magra, d'azul, retocada como um esqueleto macabro, de olhos embriagados ardendo n'um azulamento pallido de bistre, labios de vermelhão sangrando como uma dentada na cerusa de tysica, dançava como uma cabra, sósinha, desarticulava-se toda n'um cancan de viella, a lingua de lóra, as mãos nos quadris, levantando n'uma meia preta uma esguia perna de que se descobria um pouco de carne. E era symbolica e ignobil, com o seu busto de abelha, cujos ossos se detalhavam no setim do corpete, a ponta do nariz retorcido, tão expressiva de canalhice e de vicio cheirando a febre, com um prenuncio de morte proxima e de hospital — pobre cadella batida !...

E a musica é realmente um acompanhamento velado sob crepes, de procissão da Paixão, compassada, soturna, arrastando opa de enterro, com accents na gamma lenta, de baques seccos e pastosos de terra sobre covaes que se fecham. Mazurkas !... mas parecem marchas funebres, em que mal estridúla a vozzeria metalica dos cobres, em echos baços, choramingas, e pios lastimosos de flautas, siflando como corujas.

Nada das jogralantes estridencias da Folia, das electricas orchestras triumphaes e clownescas que conviriam a um arraial d'alegrias sem fome, ou com doze vintens e meio no bolso, para a orgia, logo no restaurant, com a Lola Rubia... Nada das coriscantes zanguizarras de notas que parecem irradiar da alma dos instrumentos, feitas chammas aladas, rabiando, ardendo, incendiando as cinzas da Melancolia, como labaredas de crysolitos e de rubis, em estrophes radiaes e selvagens de harmonia, zumbindo e cabriolando no ar com granadas de estrellas, guizos de Pierrots, erolitos azues e verdes !...

Aquillo evoca — Sr. director da Companhia de Pompas Funebres ! — um can can de gatos-pingados, de pinga triste, todos lugubres e conselheiraes, em fralda negra de casaca, á volta d'um enterro.

Uma nostalgia pelos entrudos d'outro tempo, diabo a-quatro, gritantes, esfuziados, que fazem ainda rir a memoria dos Avôs, — vem então, a certos esmaios de musica, que parece embalar a elegia do Passado, pelo velho Carnaval que estrebucha, ignobil e aos vomitos, em farrapos de velludilho, uma agonia de borracho infeliz, em que a sua dolorida figura de histrião leproso vae já tomando a podridão esverdeada da valla, o seu antigo riso azougado de arlequim bohemio se devolve já n'um rictus de dores, sepulchralmente comico, e nos olhos já o vitreo e idiotizado horror dos vermes esbate brumas.

Que agonia sem botica ! E como na sua pupilla que bruxoleia, fita na humbreira do Casal dos Ossos, o pobre diabo — (ó triste Raça fallida !) deve rever um soffrimento, todo o seu passado, kermesse a distancia, bryante e doida, quadros tão vivos salpicados de hilaridade e de côr, atravez das edades e dos costumes — scentelha pagã ! — dansando e saltando, gonfalões ao vento, ao clangor de fanfarras e charamellas, pelas ruas e salões, cantando a *mandolinata* em *beau-cavalier*, a Gydalsia e a Margarida, rindo das barbas de estopa do Padre Eterno, e dos chifres do Diabo, cravando a epigrammas e facadas de latão o odre obeso do Conselheiro Bom Senso, sempre contra elle n'uma raiva trocista de gavroche, atravessando em gondola os verdes canaes de *Venezia-la-bella*, toda diademada de fogos em sua gloria, para vir expirar — scentelha apagada ! — n'um portal de casa de penhores ou n'uma enxovia piolhosa do Aljube ..

— Então, Palhaços, Clowns ! que é feito da vossa alegria a arder, de vossos pinchos guizalhantes ?

— Ficaram no prego !... e foi a unica phrase, que um, muito synthethico, me disse a cair de bebado.





NICE — As festas do Carnaval — Aspectos da praça Massena

© CUBAVALI CULTURAL

O CARNAVAL DO BARNABÉ



Barnabé, solteiro e atiradiço á folia, decide vir passar o Carnaval a Lisboa.



Disseram-lhe na terra que tivesse cuidado com os mystificadores, Como se quizessem ensinar o Padre-Nosso ao Vigario!



De caminho, fazendo a sua somneca n'um compartimento de 2.ª classe, sonha com o prazer como um porco com a bolota.



Salta em terra, lepido e fresco como uma alface.



Mas á sahida arma-se um grande barulho e Barnabé pretende romper, acotovelando os sustentaculos da Ordem.



Mede um policia d'alto á baixo.



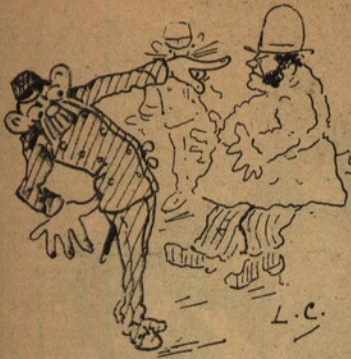
O policia mede o Barnabé de baixo a cima.



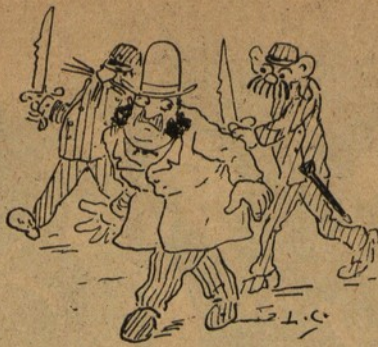
Está preso!



O' senhor! eu sou uma auctoridade na minha terra e os lobos não se comem uns aos outros.



Ande lá p'ra diente



Barnabé, entre dois policías, caminho da Parreirinha, dá a todos os diabos a sua ideia de vir à capital.



O que vale é que tudo aquilo não passa de um equívoco e que não tardará a dar à perna nas valzas da Trindade.



Mas qual! encafuam Barnabé n'um calabouço e esquecem-se d'elle.



Até que, em quarta-feira de Cinzas, é remetido à Boa-Hora, entre vadios e borrachões.



E paga as custas e sellos do processo



Não tendo podido ver o Carnaval, também já não quer ver Lisboa.



E cabisbaixo, Barnabé parte para a estação de Santa Apolónia.



...tendo-lhe ficado d'este passeio amargurado, um grande respeito pela Auctoridade, coisa que elle nunca tinha tido.



VILLANCETES ALEGRES E DIVERTIDOS

PARA CANTAR EM TERÇA FEIRA GORDA, DEPOIS DA BARRIGA CHEIA E COM DOIS GRAOS NA AZA

MUSICA INEDITA DE CHUECA

(1)

Solo

As linhas sem nota que se acham collocadas no 2.º, 3.º e 4.º compassos e na primeira parte [do 5.º, assim como as que se encontram nos vinte e quatro ultimos, acompanhar-se-hão com o valor que indicam, com ferrinhos, zabumbas, tambores, panellas, latas de sardinha, latas de petroleo — e outros legumes.

All^o moderato.

Diz a comadre Francisca
Que em se abeirando o Entrudo
Tanto ri a cara arisca
Como o nariz mais trombudo :
Não ha dôr, não ha enguiços,
Começa tudo ás risadas
Quer sejam dentes postiços
Ou sobranceiras pintadas...

Vamos na rua sorrindo,
Pois quem não ha de sorrir
De ver um marquez servindo
De creado de servir !
Uma dama aperaltada
De tezo e alto cothurno
Surge de ali de nma escada
Vestida á guarda nocturno.

O riso traz o astio :
Outra careta que passa
Aphrodisiando o mais frio
Sendo, embora, uma carcassa,
Quem não adora a conquista
Quem não procura o successo
Se até á primeira vista
Se adora um grande *brogresso!*

Quem anda, assim, procurando,
Se acaso muito procura...
Não faz mais do que ir mudando
As guardas á fechadura !
Tomando gato por lebre...
Mas, embora apoquentado
Não diga que ardeu em febre
P'ra não se dar por logrado...

Pelos betumes da baixa
De extremo a extremo da rua
Passam a toque de caixa
Anjos cahidos da lua...
Gallegos, gente que risca
Altos e baixos da moda
Dançando em bailes de roda,
Segundo diz a Francisca !

Porque é de anno a anno
Que o riso se esfolha,
Até ao tutano,
De riso se molha
O corpo enfezado;
Quem ha que não ria
Um pouco, máu grado,
De tanta folia !

A rua vae cheia
De monos pintados,
Que gente tão feia
Que cheira a suados !...
Tudo se arremeda :
Cá vem um gallego
Aos gritos : «Arreda !»
Da casa de *prego*.

A cara escondida
Dá certo appetite...
E a moça garrida
Já tem quem palpite
Por ella um boccado...
Um trapo o que faz
Vistoso e encarnado :
— Varia o cartaz !

Tem chiste o engano,
Tem graça a partida
E' só de anno a anno
A cara escondida...
Quem pode, portanto,
Procure um derriço,
Só quem fór um santo...
E' que não cae n'isso!...

Tudo isto é uma dança
Um grande pagode
Regala-se a pança,
Regala-a quem pode...
Tudo o mais são tretas,
E' rir a matar,
Sorrisos, caretas
Na rua a passar !

O Carnaval de Paris



DOMINGO GORDO — A venda dos *confetti* no boulevard



O Domingo Gordo na Aldeia

JULIETA tinha-lhe dito, de corrida, enquanto no salão as pessoas graves jogavam o *whist*: «A'manhã, domingo gordo, vou a casa de meu tio a Villemonble. Já que diz que me ama, já que tem essa loucura de não poder passar um dia sem me vêr, vá a Villemonble, amanhã. Passeie na unica rua, debaixo das janellas da casa de meu tio. A casa é ao lado de uma mercearia. Passeie com paciencia. Ao meio-dia abrirei a janella e sorrir-lhe-hei de longe! Um sorriso, é muito mais do que o senhor merece.» Era mais do que elle ousaria esperar. No dia seguinte, muito antes do meio dia, já elle estava na rua de Villemonble, de sentinella, olhando apaixonadamente para a janella onde Julieta havia de apparecer. Um vento muito frio fustigava-lhe o rosto, eriçava-lhe os cabellos e erguia nuvens de pó. Pouco lhe importava o vento; teria arrostado com cyclones!

Qu'importe ce que peut un nuage des airs
Nous jeter en passant de tempête et d'éclairs!

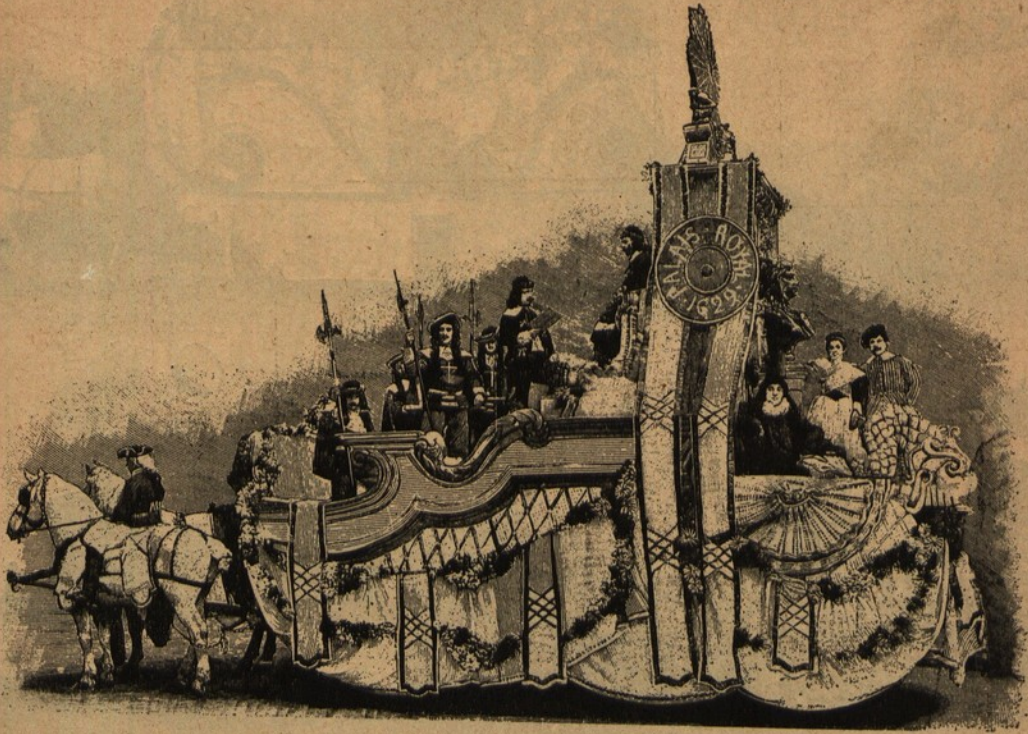
Não ia elle vêr-a, d'ahi a pouco, á janella, sorrindo-lhe! Só a esperanza d'esse sorriso, — porque ella tem dentinhos de gata que morde! — o compensava dos aborrecimentos da espera; e abençoava a poeira que lhe chicoteava a pelle. Caminhava encostado ás casas, esperando. Os que passavam olhavam para elle com surpresa. Para fugir a esta investigação curiosa, parou deante da mercearia onde, por ser carnaval, se tinha feito uma exposição de fatos de pastores dos Alpes, de *pierrrots*, de mascaras de setim amachucado, caraças grotescas, enormes narizes postiços. Olhava para aquella exposição carnavalesca com um ar de quem se interessava por aquillo. Mas sabe Deus como elle estava inquieto! porque acabava de dar meio dia, e Julieta não apparecia. Oh! aquella janella fechada! mas lembrava-se que Julieta tinha dito: «com paciencia.» Continuava a olhar — ou fingia olhar — os narizes postiços, as mascaras, os trajos. Notou emfim que a dona do estabelecimento o observava com desconfiança. Quem seria aquelle desconhecido que mirava assim a vitrine, e não entrava, não comprava nada, não alugava nada? Receiou dar que pensar, comprometter Julieta. Para justificar a sua presença, empurrou a porta da loja, e depois de ter hesitado entre diversos objectos, acabou por escolher, — pensando no lindo narizinho côr de rosa de Julieta e no prometido sorriso, — um gigantesco e extraordinario nariz de papelão pintado, um nariz vermelho, azul celeste, verde maçã, onde alastravam comicamente colossaes verrugas, um nariz que faria uivar de prazer o rapazito. Feito d'isto um embrulho n'um jornal, voltou a marcar passo na rua. Meio-dia e meia-hora! e a janella sempre fechada! Tel-o-hia Julieta esquecido, ou exagerava a sua costumada crueldade, a *coquette*, até lhe recusar a esmola de um sorriso? Enquanto ia e vinha sob a ventania, o nariz de papelão, no jornal sacudido e despedaçado pela borrasca, irritava-o singularmente. Tinha furias de o atirar para um canto qualquer; mas não o fazia, com medo de ser visto; e não cessava de passeiar com paciencia. Emfim! emfim! não se enganava: a cortina de uma janella tinha-se agitado; um ranger de fechadura annunciava que ella ia abrir-se. Mais alguns segundos, e veria o sorriso de Julieta, esse sorriso tão lindo, tão terno, que lhe entornava na alma todas as delicias do paraizo. Estendia os braços cheio de alegria! Effectivamente, Julieta appareceu. Mas não se limitou a sorrir: mal se mostrou no peitoril da janella, foi atacada por um riso louco, sempre crescente, inextinguivel, um riso cruel, que escarnece e humilha! Estupefacto, levou instinctivamente as mãos ao rosto e reconheceu, o desgraçado, que não sabendo o que havia de fazer d'elle, tinha posto no seu proprio nariz sem reflectir, — vermelho, azul celeste, verde maçã, — o enorme nariz de carnaval!

CATULLE MENDÉS.



1. Construção do carro do Boi-Gordo. — 2. Fabricação da abobora. — 3. A guardadora de patos colossal. — 4. O carro do antigo Boi-Gordo. — 5. O atelier onde se montam os carros. — 6. Accessórios. — 7. Douradura de um dos motivos do carro da Beneficência. — 8. Montagem do escudo da cidade de Paris.

PARIS — O CORTEJO DO BOI-GORDO

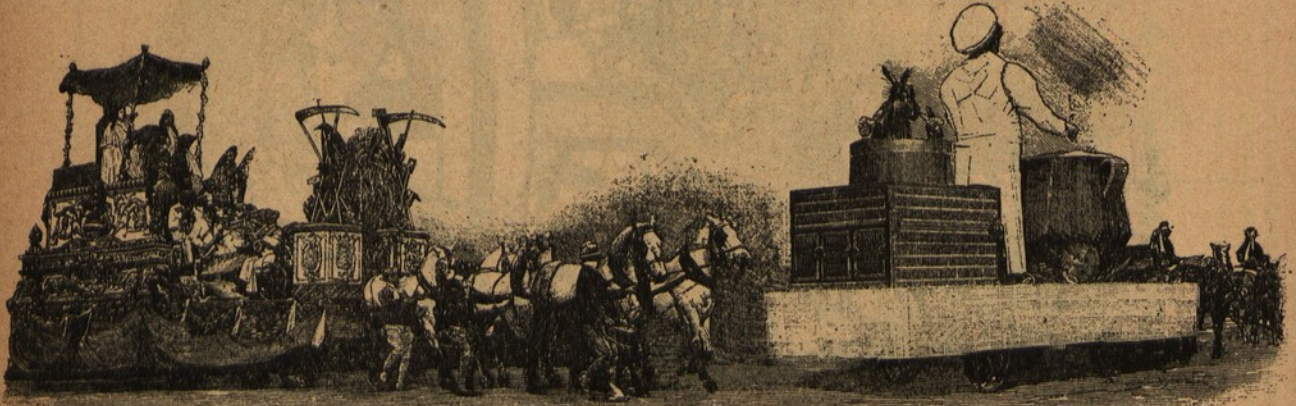
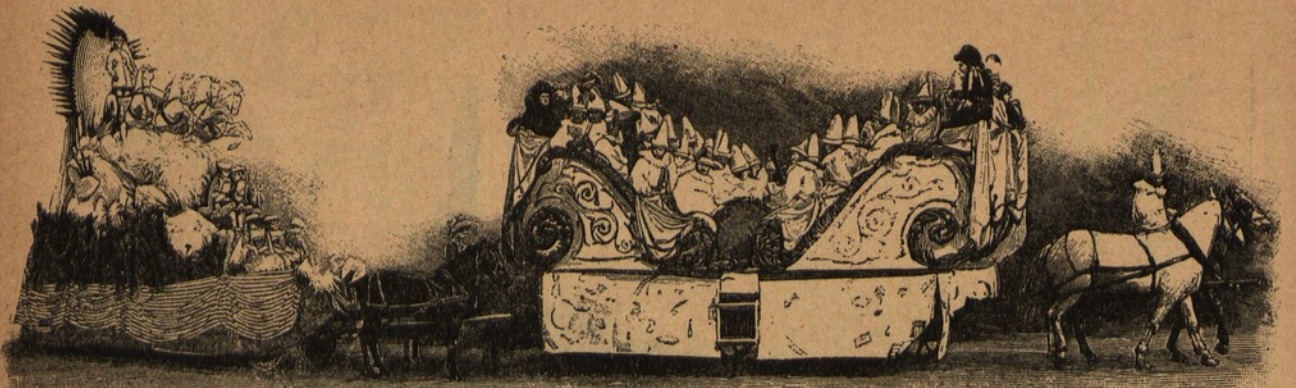


O CARRO DO PALAIS-ROYAL



O CARRO DA HORTICULTURA

O CARNAVAL EM PARIS — O CORTEJO DO «BOI-GORDO»

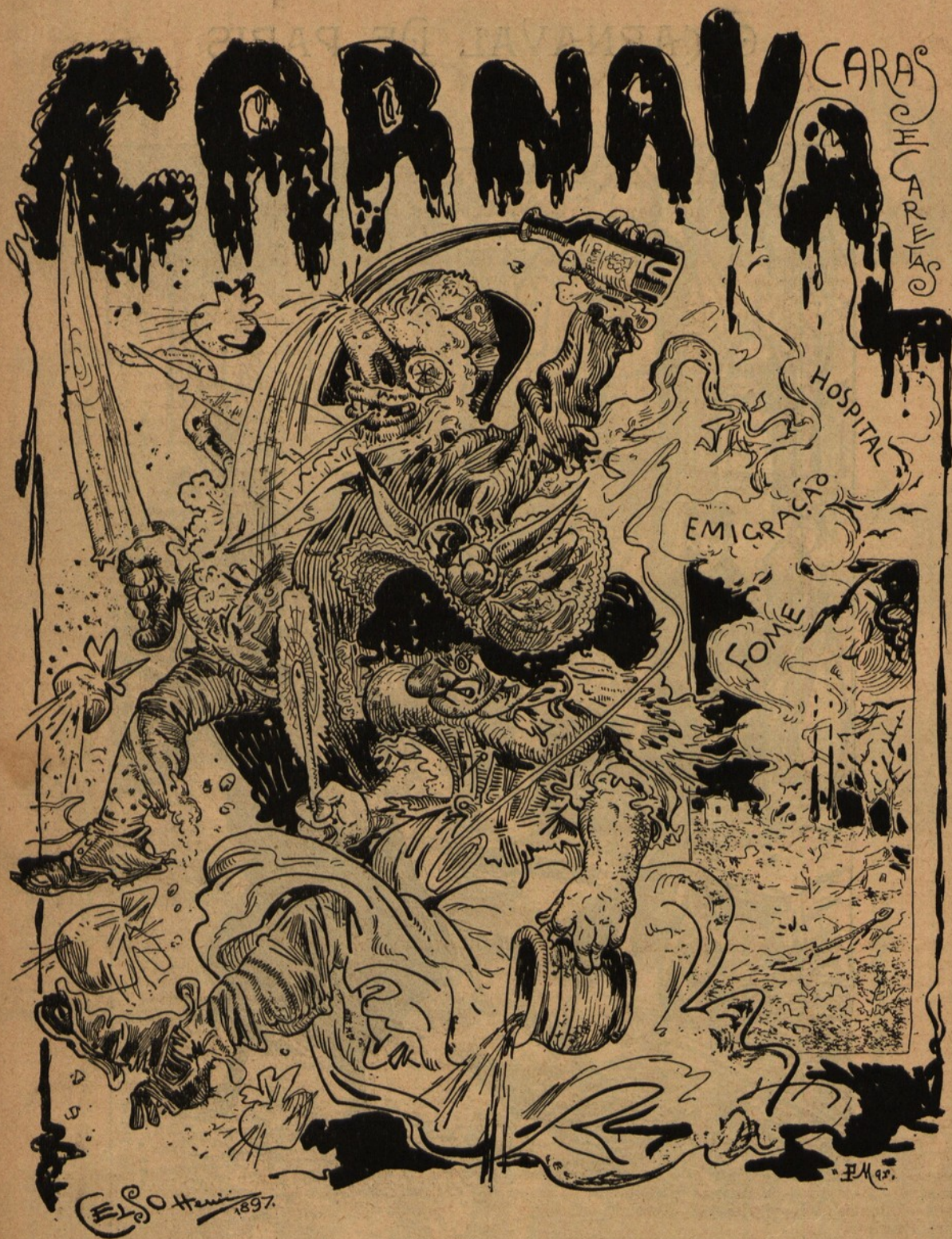


1, O principe Feiticeiro. — 2, O carro dos Pierrots. — 3, Carro d'Agricultura. — 4, Carro d'Alimentação. — 5, Carro da Beneficencia. — 6, A guardadora d'aves. — 7, Elephantes. — 8, Carro do «Boi-Gordo»

O CARNAVAL DE PARIS



A LAVAGEM DAS RUAS EM QUARTA FEIRA DE CINZAS



O CARNAVAL

(Desenho allegorico de CELSO HERMINIO)

FERNANDES COSTA

O ANNO POLITICO

(1896)

Primeiro anno de publicação

Um volume de 420 paginas, brochado, 800 rs., encadernado, 1\$000 rs.
Pelo correlo, mais 50 réis

O Anno Politico é o estudo minucioso, feito semana a semana, dos acontecimentos politicos mais sahentes, que interessaram a sociedade portugueza, no periodo a que é referido.

Não é uma exposição noticiosa de factos; é uma coordenação systematica de idéas, relacionando os successos no mesmo corpo de doutrina, e apresentando-os nas dependencias mutuas, que forçosamente tem entre si.

O Anno Politico, surpreendendo os acontecimentos no momento em que surgem, pela ordem da sua successão, vae fazendo a historia palpitante e viva de um periodo social caracteristico, e acompanhando passo a passo a sua lenta e interessante evolução.

Escripto com plena imparcialidade, sem nenhuma preocupação partidaria, sem pôr a mira em qualquer objectivo, que não seja o bem publico, **O Anno Politico** aprecia e pondera os factos segundo as intenções mais justas, reprehendendo-os ou louvando-os, quaesquer que sejam os seus responsaveis, mas nunca excluindo a cortezia da fórma nem a correção dos termos, nunca sacrificando á severidade, por maior que ella tenha de ser, o respeito e as atenções com as pessoas. E reciprocamente.

No meio da complexidade de phenomenos, cujo emmaranhado conjuncto constitue a crise geral, que o nosso paiz está atravessando, subdividida em uma multiplicidade de crises parciais, **O Anno Politico** procura abrir caminho, fazer luz, nortear os espiritos, de modo que todos possamos ter consciencia da verdadeira situação publica, e animo para congregar esforços, afim de se remediar o muito, o quasi tudo, que indubitavelmente tem remedio.

O Anno Politico, elaborado e deduzido sem prevenção de nenhuma especie, isto é, não querendo vêr as cousas nem melhor nem peor do que são, deixa transpirar das suas paginas, para quem o souber lêr, conclusões animadoras. Accusa, em verdade, imprevidencias e desacertos de homens, defeitos e fatalidades de temperamento e de raça; mas confia plenamente, e sabe e diz porque o faz, nos instinctos e nas virtudes d'esta, na sua tenacidade e no seu esforço, redivivos sempre ante as crises maximas, e tem consciencia de lhe estar reservada na historia, continuadora do passado inextinguivel, uma futura e grandiosa missão.

Por isso, **O Anno Politico** não se prende com a politica pequena de um Portugal pequeno, que pequenos portuguezes só vêem; **O Anno Politico** alarga as suas vistas, tanto quanto pôde, por mais vastos horisontes, e chama as atenções das almas portuguezas para a maior politica, que compete, por direito e por dever, a um Portugal maior.

Assim, n'**O Anno Politico** só se trata de politica verdadeira; de politica nacional e bem intencionada; de politica experimental e scientifica, propria de politicos e não de policantes. Ao mesmo tempo, politica práctica, de possivel applicação, de presuppósito bom senso e parece-nos que de bom conselho.

O Anno Politico é um livro sincero, offerecido ás meditações, á observação, a critica e á consciencia de toda a sociedade portugueza.

Chama a atenção d'esta para a Politica; procura despertar-a da sua inercia, da sua culpada indifferença, interessal-a nas grandes preocupações publicas, lembrar-lhe os seus direitos e os seus deveres, avivar-lhe as virtudes civicas, convence-la, enfim, a ella que é o povo, de que, sem educação politica, não é uma sociedade intelligente, uma sociedade civilisada, livre e soberana. E' um rebanho passivo, sempre á mercê de todos os exploradores e de todas as explorações.

INDICE

Introdução. — Revista geral politica do anno anterior.

Janeiro. — Terminação feliz da nossa guerra em Africa — Morte de João de Deus. — O poeta e o politico — Interpretação sociologica das homenagens a João de Deus — Regresso dos expedicionarios da Africa — Politica e festejos publicos.

Fevereiro. — Interesses politicos e recompensas militares — A expectativa nacional em materia politica — Horisontes turvos — A Imprensa e a Lei Nova — O passado do gabinete — Em volta da tribuna parlamentar.

Março. — Portuguezes na India e francezes em Portugal — A partiha d'Africa e os povos modernos — Chegada dos prisioneiros d'Africa — Colonias militares agricolas — Relatorios de fazenda e relatorios de campanha — Liquidações politicas — O livro do sr. conselheiro Fuschini.

Abril. — Herança politica e habilitação de herdeiros — As oito fórmulas da pilula ministerial — Impostos novos, crises permanentes e miserias antigas — Politica estrangeira e politica domestica.

Maió. — A novissima lei eleitoral — Aquillo que se chamou parlamento — Guilherme II e Mousinho d'Albuquerque — Marinha e assumptos correlativos — A colonisação do Alemtejo — El-rei D. Carlos, lavrador alemtejano — Marinha de guerra e exercito do ultramar — O Portugal maior.

Junho. — Nós e a França — Nós e a Inglaterra — Noções confusas de governo e desgoverno — O ultimo ataque — Não está tudo perdido — A volta da India — Imminencia de um partido tricephalo — Liquidações actuaes.

Julho. — Realidades e apparencias — Palavras a El-rei — A acção pessoal e constitucional do Poder Moderador.

Agosto. — Portugal e o parlamentarismo egypcio — A pasta da guerra e as reformas dos serviços militares.

Setembro. — Questões militares na ordem do dia — Influencias portuguezas na alma brasileira.

Outubro. — A crise politica e a sua razão de ser — Perspectivas eleitoraes, parlamentares e partidarias — O capitulo das interrogações politicas... sem resposta.

Novembro. — Quem nos deve governar — O paiz moderado — A formação dos partidos novos — Analyse da situação politica — Como sahir d'ella.

Dezembro. — O sophisma representativo — Um partido em busca de uma attitude — A Cuba hespanhola e as nossas futuras Cubas — Latinos e anglo-saxonios — O circulo do anno — Alegrias do começo e tristezas do fim — Conflictio luso-allemao — os grandes e os pequenos.

Pédidos á Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, LISBOA

JA ESTA A VENDA

O ALMANACH

ENCYCLOPEDICO

PARA 1897

(2.º ANNO DE PUBLICAÇÃO)

DIRIGIDO E PREFACIADO POR

EÇA DE QUEIROZ

Este volume, consideravelmente melhor que o do 1.º anno, rivalisa, na abundancia de materias, na sua intelligente disposição, na concisão e clareza com que os assumptos são expostos, no resumo dos principaes successos e descobrimentos scientificos do anno de 1896, na grande somma de conhecimentos e de noções práticas que nos ensina, e finalmente na disposição typographica e nas illustrações, — com os melhores Almanachs que se publicam no estrangeiro: tendo sobre elles a grande superioridade do prologo, do delicioso prologo que EÇA DE QUEIROZ expressamente escreveu e que é uma encantadora obra prima, uma verdadeira maravilha litteraria como só o glorioso auctor do *Crime do Padre Amaro* poderia escrever.

Um volume de 400 paginas,
com muitas gravuras, broch., 500 rs., cart., 600 rs.
Pelo correio mais 50 rs.

Pedidos á Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, Lisboa